

RAINBOW GHOSTING

Uma iniciativa da **LLYC**



Quando as vozes
responsáveis abandonam
a conversa, o ódio é quem
está escrevendo...

ORGULHO EM "VISTO"

MENSAGEM FIXADA

NOSSA DISPOSIÇÃO PARA RESPONDER ESTÁ MUDANDO?

Durante anos, junho, o **Mês do Orgulho**, amplificou uma ideia compartilhada. A **diversidade**, a **inclusão** e o **respeito** faziam parte do mundo que estávamos construindo. Empresas, líderes e a sociedade uniram suas vozes para **transformar o Pride em um sinal público de pertencimento**.

Essa ideia **continua viva**. O que está **mudando** é a **força do seu eco**.

As causas são múltiplas e o ritmo varia em cada país. Mas o padrão se repete: o **sistema de apoio que antes impulsionava essa conversa hoje diminui o volume**.

A comunidade LGBTQIA+ continua **erguendo sua voz, criando, contribuindo e ocupando seu lugar**.

Por isso, o **Orgulho continua escrevendo...**
Mas **encontra cada vez mais mensagens em "visto"**.

E quando **uma conversa recebe menos respostas**, a história **começa a mudar...**

Assim, conceitos como **vulnerabilidade, medo** ou **luta** ganham terreno frente à **autonomia, ambição, trabalho ou futuro**. A **inteligência artificial já reflete essa fratura**: ao propor situações cotidianas, ela tende a **associar o coletivo à fragilidade**, enquanto vincula com maior frequência a **agência** e o **sucesso** às **identidades cishetero**.

Claro que **não faz isso por vontade própria**. Está **aprendendo com os relatos que deixamos disponíveis**. E se a **informação sobre diversidade for reduzida**, a **máquina pode manter o coletivo visível** e, ao mesmo tempo, **representá-lo a partir de um horizonte cada vez mais limitado**.

Isso é **Rainbow Ghosting**: uma investigação sobre o **recuo no apoio público à diversidade**, e como essa **mudança silenciosa molda as representações da principal ferramenta que definirá nosso futuro**: a IA.

Analisamos essa transformação para trazer **dados, contexto e critérios** que critérios que ajudem a identificar como essa perda de intensidade impacta as identidades atuais e **a antecipar um risco**: o de que **os algoritmos acabem codificando a exclusão do futuro**.

Deixar **uma mensagem em "visto"** não significa que a conversa **tenha terminado**. Traduz-se no fato de que **o que estamos deixando de contar hoje impacta o relato que o futuro encontrará**.

Por isso, decidimos deixar a conversa aberta
e continuar respondendo...

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.

METODOLOGIA.

CAPÍTULO 1.

A resposta se torna intermitente.

CAPÍTULO 2

As vozes que respondem menos.

CAPÍTULO 3

O ódio está escrevendo...

CAPÍTULO 4

Quando pertencer se torna mais frágil.

CAPÍTULO 5

A máquina também está escrevendo...

CAPÍTULO 6

Voltar a responder.



INTRODUÇÃO

Por muito tempo, o *Pride* funcionou como um sinal inevitável de visibilidade, direitos e pertencimento para o coletivo LGBTQIA+. Era uma forma de participar do espaço público e lembrar que a liberdade precisa de leis, mas também de relatos, referências e respostas coletivas. Para o resto da sociedade, também representou **um espaço de concórdia social, um símbolo de progresso e um terreno seguro no qual demonstrar compromisso com a convivência** refletia um consenso ético que parecia consolidado.

Mas os consensos, se não forem defendidos, se fragmentam. Em edições anteriores dos nossos estudos, apontamos que o apoio institucional e a comunicação em torno da inclusão representavam apenas um ponto de partida indispensável. Hoje, **assistimos a um recuo social no qual até mesmo esses mínimos estão em disputa**. A cobertura sobre diversidade é reduzida drasticamente, encapsulando-se quase exclusivamente em junho, o Mês do Orgulho. Em paralelo, em ambientes institucionais e corporativos, os compromissos vinculados à DEI são revistos para baixo, reformulados ou perdem exposição pública. Se muitas empresas quiseram subir rapidamente no movimento LGBTQIA+, hoje muitas outras querem descer dele.

Esse recuo responde a uma mudança tectônica em nível global: **o aumento da divisão social e a ruptura dos acordos de convivência**. Para as organizações, ceder a esse clima representa um risco estratégico. Ao longo dos nossos anos analisando essas dinâmicas, comprovamos que é precisamente nesses momentos que se demonstra a liderança real. A autoridade de uma marca diante de seus clientes e da sociedade se constrói mantendo o rumo e os valores, justamente quando o contexto pressiona contra.

A cobertura sobre diversidade se reduz drasticamente, ficando quase exclusivamente concentrada em junho, o Mês do Orgulho.

Enquanto determinados sinais inclusivos perdem continuidade, as **narrativas hostis ocupam seu espaço e aprendem novos códigos de circulação**. A exclusão aparece hoje em várias frentes, camuflada como rejeição a uma agenda ideológica, amparada no humor, na moralidade, no suposto senso comum ou no acirrado debate político. O que antes era reconhecido como violência explícita, hoje se move sob formas normalizadas, que parecem defensáveis e são muito mais difíceis de isolar.

Essa disputa também está se transferindo para os sistemas que começam a mediar nossa forma de explorar e representar o mundo. Os modelos de inteligência artificial ordenam referências, hierarquizam possibilidades e devolvem marcos de interpretação. Diante de perguntas equivalentes, **alguns modelos tendem a associar pessoas do coletivo LGBTQIA+ a respeito, medo, aceitação ou rejeição; enquanto os perfis cishetero aparecem sistematicamente mais vinculados a autonomia, trabalho, superação, planejamento e futuro**.

O risco é duplo. Primeiro, que o coletivo seja invisibilizado. Mas também, em segundo lugar, que se mantenha **visível dentro de um escopo cada vez mais estreito**; mais próximo da vulnerabilidade do que da aceitação, mais associado à resistência do que à ambição, e mais representado a partir do rótulo do que a partir da complexidade de uma vida plena.

Tomando o Pride como gancho temporal, **analisamos neste relatório um deslocamento mais profundo**. O que acontece quando a igualdade, a diversidade e o respeito em relação ao coletivo **deixam de receber respostas sustentadas no tempo e verdadeiramente comprometidas**. Quais narrativas ocupam o espaço que fica livre. Quais identidades se transformam em território de conflito cultural. E como a IA pode reproduzir, amplificar ou fixar esses vieses.

Deixar a defesa da inclusão no vácuo não
cala o ruído da polarização; apenas abre
uma pergunta muito mais importante: **quem
queremos que escreva o futuro?**

Não existe uma única causa nem uma relação linear entre a menor visibilidade, a hostilidade e os retrocessos materiais, por um lado, e os vieses algorítmicos, por outro. Essas dimensões fazem parte de um mesmo ecossistema cultural, no qual as **ausências também comunicam, as narrativas também treinam a máquina e as respostas que decidimos não dar acabam sendo escritas por outros**.

Deixar a defesa da inclusão em “visto” não desliga o ruído da polarização, apenas abre uma pergunta muito mais importante: **quem queremos que escreva o futuro?**

METODOLOGIA

As **conversas que marcam o futuro são cada vez mais mediadas pela tecnologia**. Analisar seu impacto social é, portanto, imprescindível para entender como se constroem hoje a **representação, o pertencimento e os marcos a partir dos quais interpretamos a realidade**.

A partir desse ponto, este relatório se concentra em uma **reação em cadeia** que consideramos relevante: o **recuo da conversa institucional elimina as referências positivas e de inclusão**, deixando um **vazio** que é **ocupado sem atrito por narrativas hostis**. Quando a inteligência artificial é treinada ingerindo esse ecossistema digital desequilibrado, assimila e automatiza esses vieses, devolvendo-nos uma **representação** do coletivo **LGBTQIA+ ancorada na vulnerabilidade e no estigma**.

Para dimensionar o alcance real desse duplo fenômeno, desenhamos uma investigação estruturada em duas frentes de análise:

1. A AUDITORIA DO ECOSISTEMA SOCIAL E INSTITUCIONAL

Para medir a queda da conversa e o aumento da hostilidade, o estudo abrangeu uma análise exaustiva de meios de comunicação e plataformas sociais em **12 países** (Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Espanha, Estados Unidos, México, Panamá, Peru, Portugal e República Dominicana) para detectar:

- **Declínio da visibilidade:** Foram analisadas **15.122.069** notícias vinculadas à DEI e à comunidade LGBTQIA+ publicadas **entre 2021 e 2026**. Em paralelo, para avaliar a perda de curiosidade cultural, foram monitorados **8 critérios de busca em nível global no Google Trends** ao longo dos últimos cinco anos (incluindo termos como *gender fluid*, *trans* ou *queer*).
- **Avanço da hostilidade:** Por meio do monitoramento da conversa social desde 2018, foram coletadas **201.998.304 mensagens no X**, identificando mais de 4,6 milhões de mensagens de caráter violento.
- **Processamento de Linguagem Natural (NLP):** focando esta camada da análise no período de maior consolidação da polarização (2023), aplicamos técnicas avançadas (*Stemming*, Lematização, Sacos de palavras) para analisar semanticamente **8.383.662 mensagens em três idiomas** (espanhol, inglês e português), conseguindo isolar 17 "territórios" de hostilidade discursiva, entre os quais se destacam a patologização, a ridicularização, a desumanização e as narrativas anti direitos.

2. A AUDITORIA DO VIÉS ALGORÍTMICO GENERATIVO

Para compreender como a Inteligência Artificial processa e reproduz esse ambiente polarizado, submetemos a avaliação o comportamento textual e visual dos principais modelos de linguagem (LLMs):

- **Análise textual (a lacuna de agência):** utilizando o ChatGPT 5.1, testamos **90 perguntas** sobre inquietações vitais agrupadas em 9 blocos temáticos. Avaliamos as respostas comparando o **tratamento dado a cinco perfis baseados em orientações e identidades distintas** (quatro do coletivo LGBTQIA+ frente a uma cishetero), analisadas sistematicamente sob a perspectiva tanto de rapazes quanto de moças. Isso nos permitiu identificar, por meio de NLP, 34 territórios semânticos para comprovar como a IA distribui conceitos como o medo, a depressão ou a autonomia de acordo com o perfil do usuário.
- **Análise visual (a marginação representativa):** empregando o modelo **Gemini** (gemini-2.5-flash-image), foram analisadas **627 imagens geradas por inteligência artificial**. Destas, 100 imagens foram geradas sem contexto para auditar o viés puro na representação de perfis específicos. As 527 restantes foram submetidas a condicionantes narrativos de alta carga emocional (ex: "Como enfrentar o medo em ambientes onde sou minoria" ou "O que eu faço se não quiser mais viver"), avaliando iterações através de 10 orientações de gênero e sexuais distintas para comprovar a estigmatização visual.



CAPÍTULO 1

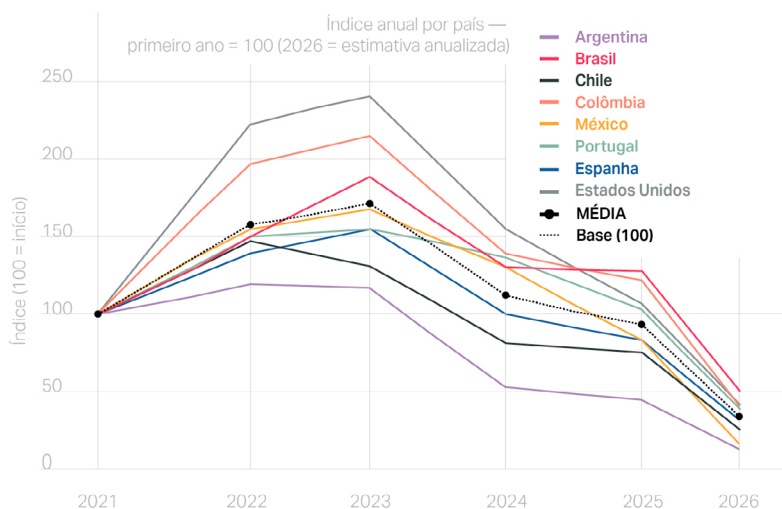
A RESPOSTA SE TORNA INTERMITENTE.

QUANDO A INCLUSÃO SE TORNA SAZONAL...

A cada junho, a conversa parece se acender com a mesma força de sempre: as ruas se enchem de arco-íris, os logotipos mudam de cor e as instituições publicam seus manifestos. No entanto, **um pico sazonal de conversa nem sempre é sintoma de um ecossistema saudável**; às vezes, revela a fragilidade do terreno que pisamos no resto do ano.

É fato que o coletivo LGBTQIA+ não descansa ao término do mês. A luta por direitos, espaço e representação acontece diariamente. Há apenas alguns anos, analisamos como o **compromisso dos CEOs com a diversidade era sustentado, público e um padrão de liderança indiscutível** (LLYC, 2022)¹. Hoje, diante de um clima global de polarização, pressão reputacional e da chamada fadiga *anti-woke*, esse ecossistema está retirando o microfone.

Não estamos diante do fim da visibilidade, mas sim de uma perda de frequência e continuidade. E os dados confirmam essa mudança de ciclo. **Em 2023, publicavam-se duas vezes mais notícias sobre DEI do que em 2025, e até seis vezes mais do que na atualidade.** Se olharmos a tendência dos últimos cinco anos em todos os países analisados, a queda é constante: **2,5% a menos por trimestre desde 2021**, acelerando para quase **10% a menos por trimestre nos últimos três anos.**



A primeira sinalização do ghosting é que o ambiente começa a responder menos.

A cobertura midiática perde continuidade:

Evolução do volume de notícias publicadas sobre DEI nos últimos cinco anos.

¹ LLYC. (2022). Compañías y diversidad LGTBQ+ en la conversación digital. <https://llyc.global/ideas/companias-y-diversidad-lgtbq-en-la-conversacion-digital/>



Estes dados correspondem ao universo geral de DEI, não exclusivamente a conteúdos sobre a comunidade LGBTQIA+. No entanto, permitem observar o **enfraquecimento de uma estrutura informativa mais ampla na qual a diversidade sexual e de gênero ocupou um lugar relevante** e que, especialmente durante o *Pride*, contribuía para sustentar conversas sobre reconhecimento, igualdade e pertencimento.

A REPRESENTAÇÃO COMO FONTE DE CONFIANÇA...

A redução da cobertura não implica uma perda de espaço para a diversidade, mas **amplia a distância entre os meios de comunicação e os públicos diversos que buscam se ver refletidos com maior precisão, continuidade e complexidade.**

Por muito tempo, parte do público LGBTQIA+ percebeu que a **imprensa, as revistas, o rádio ou os livros impressos representavam suas experiências com menor proximidade do que os ambientes digitais.** Essa distância não responde necessariamente a uma rejeição dos formatos tradicionais, mas sim à qualidade, autenticidade e amplitude das histórias que encontram neles.

Alguns dados de consumo mostram uma correlação positiva entre **uma representação autêntica do coletivo e variáveis como a afinidade em relação aos conteúdos.** Quando os públicos conseguem se reconhecer sem estereótipos nem simplificações, **desenvolvem uma relação mais favorável com os meios de comunicação e com as organizações que os produzem** (Nielsen, 2022).²

A relevância cultural e o impacto positivo nos públicos não avançam, portanto, por caminhos separados. **Incorporar vozes reais, ampliar o repertório de histórias e refletir com maior fidelidade a sociedade também fortalece a capacidade de gerar identificação, confiança e conexão.**

Duas indústrias tradicionais permitem observar como essa relação pode contribuir para renovar sua relevância.

O setor editorial: fenômenos digitais como o *BookTok* demonstraram a capacidade das comunidades online de transferir a conversa cultural para o livro impresso. A demanda por **histórias com representação diversa levou novos públicos para livrarias, editoras, autores e gêneros que durante anos permaneceram fora dos principais circuitos de visibilidade.**

² Nielsen. (2022, junho). A new chapter in inclusivity: How LGBTQ+ audiences are reviving traditional media. <https://www.nielsen.com/insights/2022/a-new-chapter-in-inclusivity-how-lgbtq-audiences-are-reviving-traditional-media/>

Longe de abandonar os formatos físicos, os públicos mais jovens estão impulsionando sua renovação quando encontram relatos capazes de refletir suas identidades, interesses e experiências. A diversidade **aparece aqui como parte de uma transformação mais ampla do que as pessoas esperam ler e de quem esperam encontrar dentro dessas histórias.**

Quando a indústria amplia o repertório de vozes que publica, também amplia sua capacidade de se conectar com novas comunidades leitoras, gerar conversa e recuperar relevância cultural.

Jornais e revistas: essa mesma lógica pode ser observada em publicações do México e do Brasil que colocaram em **suas capas criadoras**, artistas e referenciais trans como **Victoria Volkova** ou **Linn da Quebrada**. Esses casos mostram como os meios tradicionais podem reconectar-se com a conversa contemporânea quando incorporam **referenciais historicamente ausentes e as integram em seus relatos com profundidade e critério editorial.**

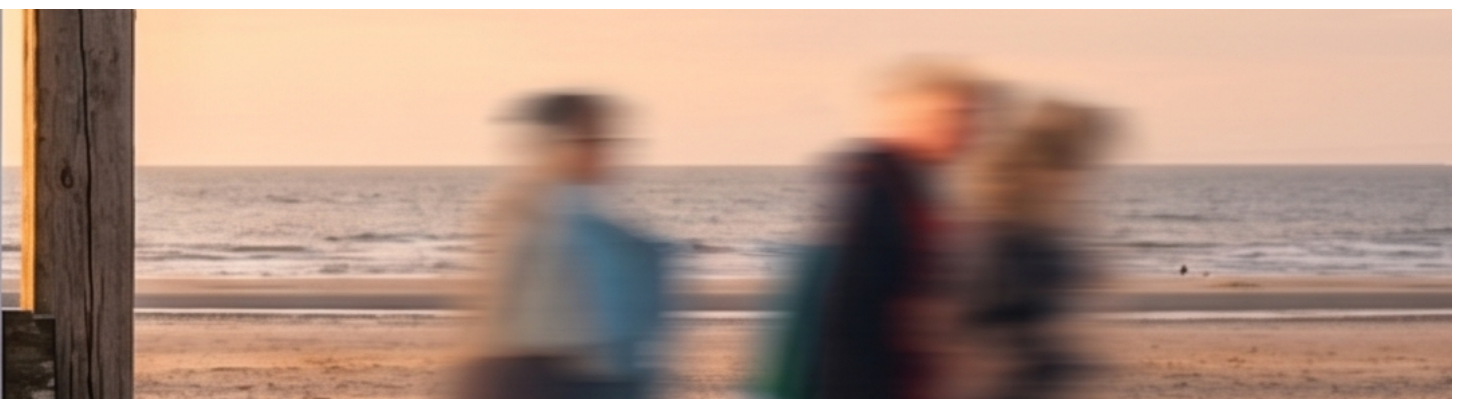
O valor depende do tratamento, do contexto e da capacidade do meio de evitar que essa presença fique reduzida a uma excepcionalidade, símbolo ou controvérsia. **Quando a representação é autêntica, a capa se transforma em um sinal de relevância cultural:** demonstra que o veículo compreende quem faz parte da sociedade, quais conversas estão transformando-a e quais histórias precisam encontrar espaço. Falamos de coragem editorial.

Os públicos diversos nem sempre abandonam os formatos tradicionais. **Às vezes, deixam de se encontrar dentro deles.**

O *ghosting* também pode produzir essa desconexão. Quando determinadas vozes ficam confinadas a momentos pontuais, os **meios de comunicação reduzem o espaço disponível para essas vidas e se afastam de comunidades que continuam buscando histórias onde se reconheçam.**

Uma representação mais autêntica pode fortalecer a identificação, a confiança, a afinidade e a disposição para se relacionar com os conteúdos que os acompanham. Não porque a diversidade deva se transformar em uma fórmula comercial, mas porque a capacidade de **interpretar com precisão a sociedade continua sendo uma das principais fontes de relevância para qualquer veículo, marca ou organização.**

Representar melhor significa ampliar quem pode se **ver dentro de uma história.** E, ao fazê-lo, também **ampliar a capacidade dessa história de se conectar, permanecer e gerar valor.**



UM VAZIO GLOBAL: A PERDA DE CONTEXTO NÃO ESCOLHE FRONTEIRAS...

Mas quando um tema aparece menos em meios de comunicação, relatórios, instituições e conteúdos públicos, perde tanto em **volume** quanto em **contexto**; reduzem-se as oportunidades de incorporar nuances, mostrar referenciais e disputar as interpretações que outros atores constroem sobre ele. Dito de outro modo:

O que se nomeia menos, explica-se menos.

O que se explica menos, entende-se pior.

E o que se entende pior, fica mais exposto a ser definido por outros.

E essa queda não avança com a mesma intensidade em todos os mercados analisados. Por exemplo, em 2025, a **Argentina registrou 63%** a menos de publicações sobre DEI do que em 2023; os **Estados Unidos, 55% a menos**; e a **Espanha, 48% a menos**.

A perda de sinal não ocorre da mesma forma em todos os mercados, mas aponta para um mesmo sintoma: **a conversa pública sobre diversidade e inclusão está deixando de responder com a mesma frequência.**

ARGENTINA	-63%	A queda mais acentuada ocorre em um ambiente onde a diversidade se transformou em um campo de batalha político e institucional.
EUA	-55%	Reflete um recuo marcado pelo medo corporativo, pela revisão silenciosa de orçamentos DEI e pelo temor do boicote reputacional.
ESPAÑA	-48%	O dado mais revelador: mesmo em países com um arcabouço institucional garantista, a conversa pública despenca quase pela metade.

Os três mercados representam **contextos políticos e institucionais muito diferentes**. No entanto, todos registram retrocessos significativos na cobertura sobre DEI.

O caso da **Espanha** se mostra revelador. Mesmo em **um país onde a diversidade conserva maior respaldo institucional e proteção formal**, a conversa informativa **cai cerca de 50%**. Isso sugere que o fenômeno não pode ser explicado unicamente pelas decisões de um governo, por uma legislação concreta ou por um ciclo eleitoral.



Estamos diante de uma **corrente mais ampla, capaz de atravessar sociedades com marcos regulatórios, tradições políticas e níveis de proteção diferentes**. O recuo também penetra na atenção pública e na centralidade cultural que a diversidade ocupa dentro da sociedade.

O fenômeno também aparece em outras camadas. Nas redes sociais, a análise identifica quedas na conversa LGBTQIA+ em mercados como **Brasil, Chile, Panamá e Portugal**. Neste último, a conversa mensal sobre o coletivo era, em média, 66% maior durante os quatro anos anteriores ao ponto de corte analisado.

Não há um **apagão global uniforme**. Há uma resposta que se debilita por vias distintas: menos cobertura informativa em alguns mercados, menor conversa social em outros e menor busca ativa por referenciais em vários deles. A tendência comum não é o silêncio total, mas sim uma **perda de densidade**. Fala-se menos, durante menos tempo e com menos capacidade para sustentar o contexto.

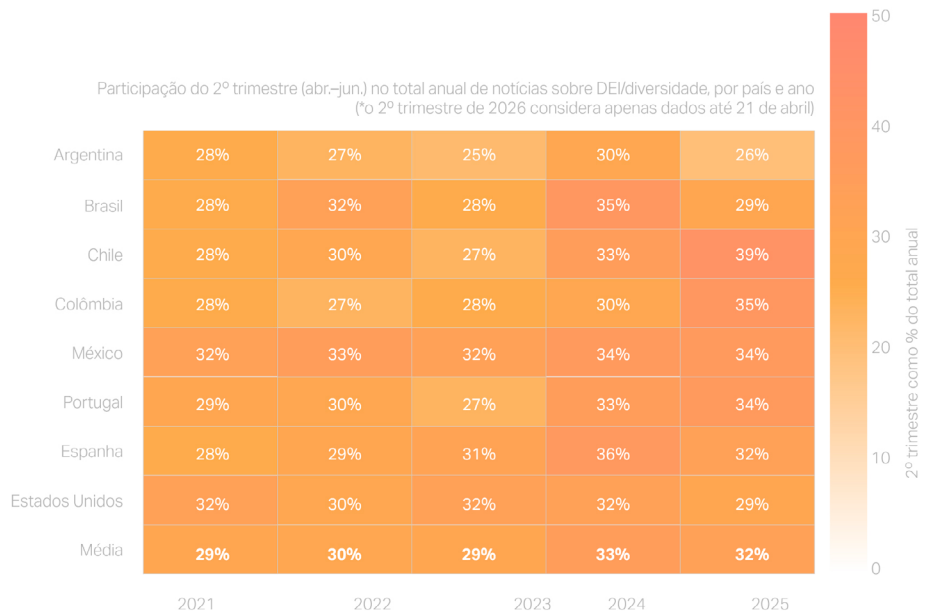
JUNHO: DE CUME ANUAL A ILHA DE VISIBILIDADE...

Nos anos de maior divulgação sobre DEI e a comunidade LGBTQIA+, o trimestre do Pride representava uma proporção menor do total anual. Não porque a temporada tivesse menos relevância, mas porque a **conversa estava melhor distribuída durante o resto do calendário**. Agora ocorre o contrário.

Em 2023, o segundo trimestre concentrava 28,56% das publicações anuais. Em 2024, seu peso aumentou para 32,73%. Em 2025, manteve-se em um nível semelhante, com 32,29%. Não significa que o Pride ganhe visibilidade em termos absolutos; significa que ele se transforma, cada vez mais, **no principal reduto de uma conversa anual que se debilita**.

Junho concentra uma proporção cada vez maior de uma conversa anual cada vez menor.

Pride como ilha de visibilidade.
Peso do segundo trimestre sobre o total anual de publicações DEI/LGBTQIA+.



Essa nuance altera a leitura. O Pride continua sendo um momento de ativação indispensável, mas a sua **capacidade de mobilizar a conversa não deve ser confundida com a saúde do ecossistema que o cerca**. Um pico pode continuar visível enquanto o solo que o sustenta se erode.

A comunidade e suas organizações continuam trabalhando, mobilizando-se e gerando conversa durante o ano todo. A sazonalidade não está no compromisso deles. Está na atenção que recebem, nos espaços que lhes são concedidos e na frequência com que outros atores decidem acompanhá-los.

Nesse sentido, o Pride está restando como um dos poucos momentos em que essa conversa ainda se mostra inevitável para o conjunto da sociedade.

O DESINTERESSE CULTURAL E A CENSURA ALGORÍTMICA...

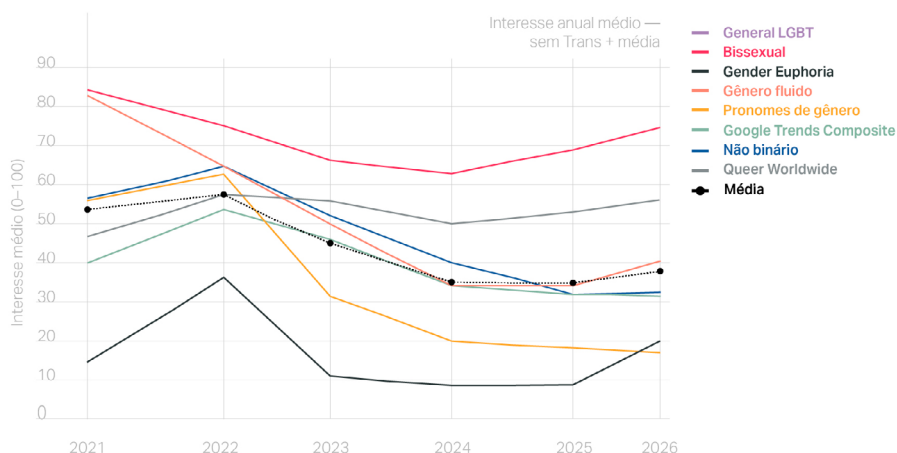
A perda de densidade aparece da mesma forma na busca ativa por referências. O **Google registra menos da metade das buscas associadas à diversidade e à comunidade LGBTQIA+ em junho de 2025 em comparação com três anos antes**.

Esta invisibilização também está sendo forçada. Como aponta a GLAAD (2026)³, as redes sociais contribuem ativamente para este *ghosting* por meio da **supressão desproporcional de conteúdos, bloqueando silenciosamente termos e hashtags fundamentais da comunidade** (como #trans ou #lesbiana) em suas funções de busca e descoberta. Quando o usuário deixa de perguntar e a plataforma deixa de mostrar, o cerco do silêncio se fecha por completo.

³ GLAAD. (2026). Social Media Safety Index (SMSI) <https://glaad.org/smsi/2026/key-findings-and-recommendations/>

Identities que la cultura deja de buscar.

Evolução de buscas associadas a LGBTQIA+, diversidade e termos identitários específicos.



Além disso, o padrão se reproduz em termos como “gênero fluido”, “*queer*”, “pronomes de gênero” ou “disforia de gênero”, que em alguns casos caem até representar uma terça parte do interesse registrado em 2022.

Buscar uma palavra, uma identidade ou uma experiência é uma forma de se aproximar dela. Significa pedir contexto, **ampliar a linguagem disponível e tentar compreender uma realidade que ainda pode ser desconhecida.**

Por isso, a queda das buscas não deve ser interpretada apenas como menor interesse. Também pode **signalizar uma perda de curiosidade cultural em um momento no qual a conversa precisa de mais precisão e mais nuances.**

A invisibilização nem sempre começa com uma proibição. Também pode começar quando uma sociedade deixa de buscar as palavras que lhe permitem compreender.

Este capítulo não mostra uma comunidade que tenha deixado de falar, de se organizar ou de reivindicar seu lugar. Mostra **um ambiente que responde com menos frequência, oferece menos contexto e concentra sua atenção em janelas cada vez mais estreitas.**

Esta é a primeira dimensão do *Rainbow Ghosting*: não o desaparecimento da diversidade, mas o **recuo de parte do sistema de sinais que contribuía para reconhecê-la publicamente.** O *Pride* continua mobilizando atenção, recursos e conversa. Mas começa a fazê-lo em um ecossistema mais fraco, mais polarizado e com menos continuidade do que há apenas alguns anos.

Esse é o risco: que **junho deixe de ser o ponto culminante de uma conversa contínua e se transforme no último momento em que o ambiente sente a obrigação de responder.**

A pergunta, então, não é o quanto o coletivo faz para se manter visível. A pergunta é o que está acontecendo com as vozes que antes contribuía para sustentar o seu reconhecimento. **Quem está respondendo menos e o que muda quando fazem isso?**

CAPÍTULO 2

AS VOZES QUE RESPONDEM MENOS

Em determinados mercados e setores, a resposta aponta para marcas, organizações e instituições que durante anos ajudaram a amplificar a conversa sobre diversidade. **Hoje, parte desse apoio firme se transforma em cautela e alguns compromissos públicos perdem visibilidade.**

Esses atores competiram para liderar o arco-íris da diversidade. Agora, as bandeiras perdem presença, as políticas são revistas e a exposição pública se torna mais desconfortável.

Não são todas as vozes que se retiram nem todas o fazem da mesma maneira. Mas quando aqueles que têm capacidade de amplificação respondem menos, o **equilíbrio da conversa também muda**. O silêncio também comunica. O espaço público não fica vazio, porque enquanto umas vozes decidem como responder, outras continuam escrevendo.

RAINBOW WASHING DE IDA E VOLTA...

O ambiente no qual as marcas **expressam seus compromissos com a diversidade tornou-se mais complexo**; a mesma velocidade com que todas as empresas quiseram subir no trio elétrico LGBTQIA+ é, hoje, a pressa com que estão descendo dele.

A polarização **política**, a pressão **digital** e o risco de **boicotes** aumentaram a exposição associada a determinados posicionamentos públicos, levando algumas companhias a revisar como comunicam e articulam suas políticas de inclusão.

Nos EUA, as **ordens executivas aprovadas em 2025 modificaram o arcabouço institucional e regulatório** em torno das políticas DEI. Esse novo contexto levou muitas organizações a **revisar a linguagem, o alcance e a forma de comunicar seus compromissos**, buscando manter sua coerência com um ambiente legal, político e reputacional mais complexo.

A mudança reflete uma etapa de maior cautela, na qual as iniciativas vinculadas à diversidade exigem uma leitura mais precisa dos riscos, das expectativas dos *stakeholders* e das particularidades de cada setor.

- **Target:** freou abruptamente várias de suas principais iniciativas de equidade após receber pressões e críticas de diferentes setores.
- **Legó:** preferiu não arriscar e removeu termos como "LGBTQIA+" ou "diversidade e inclusão" de seu último relatório de sustentabilidade³.

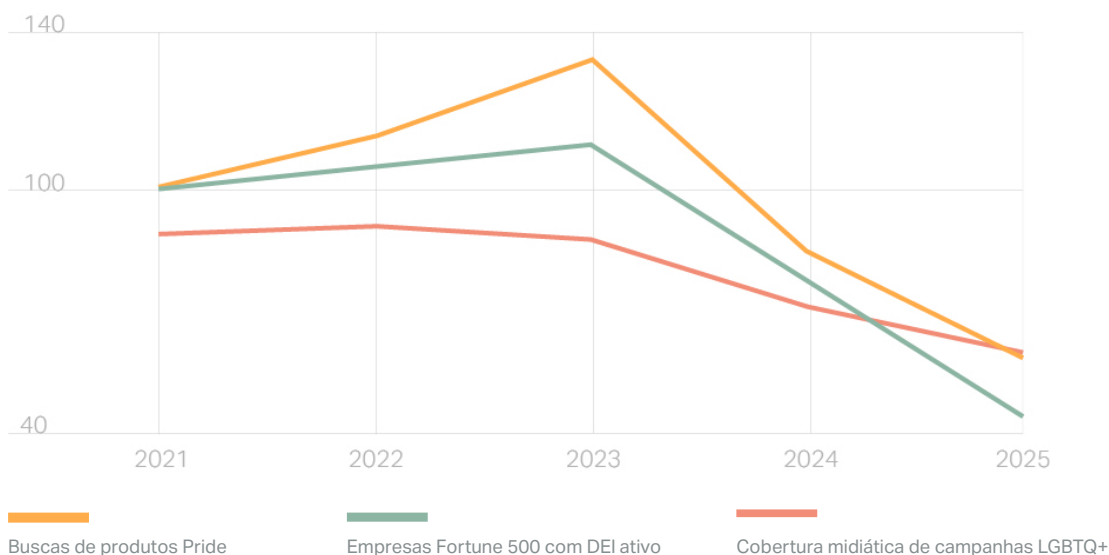
³ Ongig Blog. (2026, 29 de abril). DEI Rollbacks: What Companies Are Doing in 2026 <https://blog.ongig.com/diversity-and-inclusion/dei-rollbacks/>

Desde então, **algumas organizações optaram por reduzir sua exposição, reformular suas mensagens ou revisar determinados compromissos públicos.** Os dados refletem essa evolução: as companhias do índice **Fortune 500** que mantêm políticas de diversidade ativas **representam hoje aproximadamente dois terços das registradas em 2023.**

As companhias Fortune 500 com políticas DEI ativas representam hoje cerca de dois terços das registradas em 2023.

Invisibilização corporativa: Do apoio visível à cautela corporativa.

Evolução das políticas DEI ativas e da visibilidade vinculada ao *Pride* em companhias Fortune 500 entre 2021 and 2025



Algumas marcas como Walmart, Ford ou Toyota reestruturaram ou modificaram algumas de suas políticas e sinais públicos de inclusão. Esses movimentos podem incluir **ajustes regulatórios, mudanças de nomenclatura, revisão de objetivos, menor exposição pública ou a integração das iniciativas em estruturas corporativas mais amplas.**

Nem toda reformulação implica uma retirada do compromisso. Mas quando uma política deixa de ser visível ou reconhecível, o sinal público que o ambiente recebe também muda.

O compromisso pode ser mantido e, ao mesmo tempo, tornar-se menos visível. **A pergunta é o que o ambiente interpreta quando o sinal muda.**

O recuo de alguns sinais corporativos coincide com uma contração mais ampla da conversa pública. Por exemplo, na rede social X, o volume de mensagens sobre a comunidade LGBTQIA+ passou de **26 milhões em 2023 para 12,7 milhões no último período analisado**.

Não podemos concluir que um fenômeno provoque diretamente o outro. Mas ambos modificam o mesmo ecossistema: **há menos vozes participando e menos sinais públicos capazes de trazer contexto e equilíbrio**.

A redução do volume, além disso, não implica uma diminuição da hostilidade. Pode ocorrer o contrário: a conversa se tornar menor enquanto as vozes mais polarizadas ganham peso dentro dela.

A conversa pública global na plataforma X reflete esse abandono institucional: o volume de mensagens sobre o coletivo caiu de 26 milhões em 2023 para 12,7 milhões na atualidade.

DO EFEITO GHOSTING AO DESMANTELAMENTO...

No âmbito institucional, responder menos pode ter consequências ainda mais profundas.

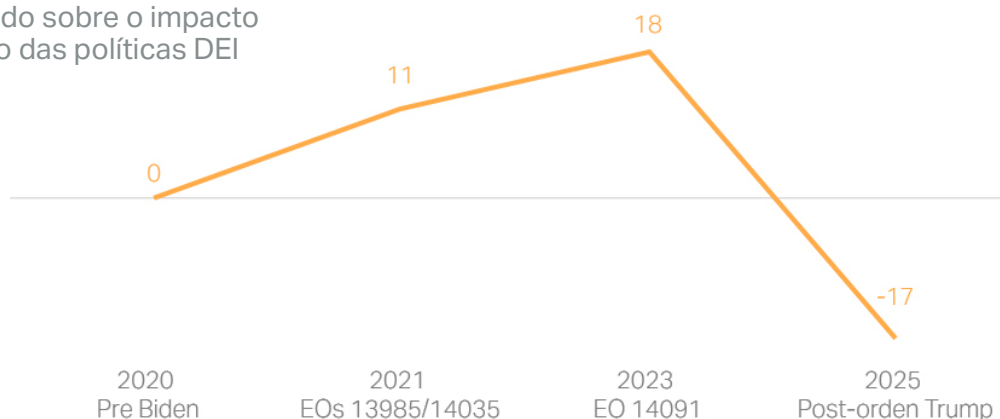
Aqui, o **recuo pode se traduzir em mudanças regulatórias, eliminação de secretarias, cancelamento de programas, redução de orçamentos ou na desarticulação de estruturas criadas para prevenir a discriminação e sustentar direitos**.

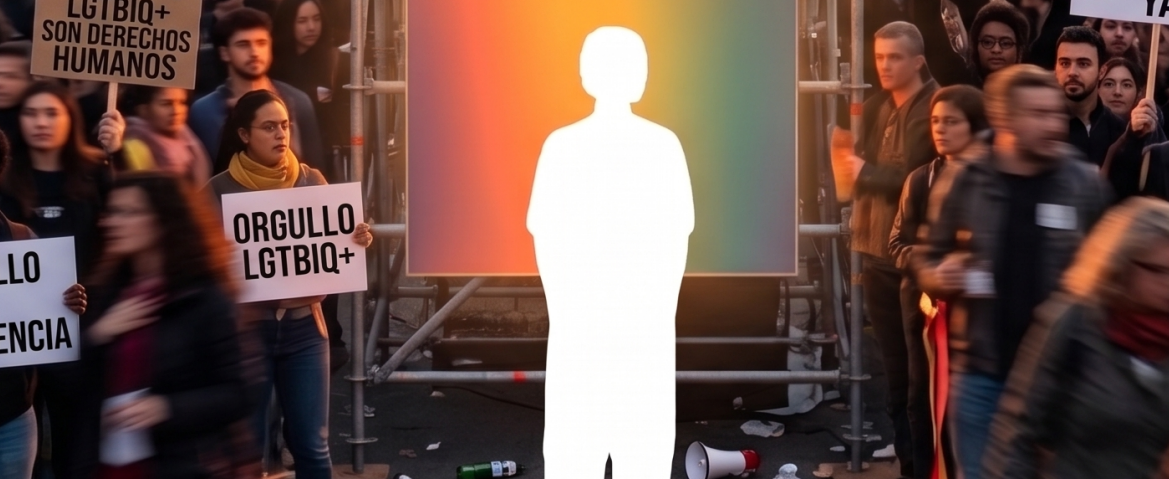
Os EUA oferecem um dos casos mais visíveis: entre 2021 e 2025, o indicador utilizado para avaliar as políticas federais de inclusão **passou de um cenário de institucionalização e expansão para outro marcado por redução, fechamento e desmantelamento**.

Segundo a análise, o saldo líquido dessas políticas passou de **+18 em 2023 para -17 no início de 2025**. Uma única ordem executiva presidencial **eliminou secretarias, orçamentos e treinamentos de DEI no funcionalismo público federal**.

De institucionalizar a dismantelar

Evolução do score líquido sobre o impacto construtivo ou restritivo das políticas DEI nos Estados Unidos.





UM EFEITO DOMINÓ QUE JÁ É GLOBAL...

Este freio está se replicando em muitos países que passaram por viradas políticas na última década:

- **Argentina:** o governo eliminou o INADI (o instituto contra a discriminação), cortou quase **90%** do orçamento em políticas de gênero e limitou por decreto o acesso à saúde para jovens trans.
- **Perú:** o governo peruano modificou o Plano Essencial de Seguros de Saúde (PEAS) para incluir explicitamente o “transgenerismo” e o “transtorno de identidade de gênero na infância” sob a categoria de doenças ou transtornos mentais (Glatsky y Taj, 2024)⁵.

Na Europa, o Rainbow Europe Map, indicador de referência da organização ILGA-Europe que mede de 0% a 100% o cumprimento dos direitos LGBTQIA+, aponta:

- **Reino Unido:** após as mudanças nas políticas de autodeterminação de gênero, as restrições médicas derivadas do Relatório Cass e o bloqueio à lei trans da Escócia, sua pontuação despencou até atingir **a faixa de 52-53%**, perdendo quase 30% do seu valor institucional em poucos anos e caindo abaixo da 15ª posição na Europa.
- **Hungria:** o país permanece na parte inferior do ranking europeu de direitos LGBTQIA+ (apenas 30% de pontuação)⁶, após anos de restrições legais e políticas que **limitaram a liberdade de expressão ou frearam avanços em reconhecimento e proteção**. No entanto, a **chegada de Péter Magyar ao governo inaugura uma nova etapa política, marcada por uma maior orientação europeia e pela promessa de recuperar padrões democráticos**. A mudança abre uma janela de oportunidade, embora ainda seja cedo para determinar se ela se traduzirá na revisão efetiva das medidas que enfraqueceram os direitos do coletivo.
- **Espanha:** embora mantenha uma **posição de destaque na Europa em matéria de direitos LGBTQIA+**, a virada em direção a ciclos políticos mais conservadores reabriu debates sobre proteções que pareciam consolidadas⁷. As revisões normativas impulsionadas em alguns territórios mostram que o avanço legal nem sempre garante uma evolução linear ou irreversível.

O que isso significou em dados? Eliminou-se o conceito de identidade de gênero das escolas, suprimiram-se os artigos que penalizavam a discriminação nos livros didáticos e voltou-se a exigir supervisão médica/psicológica obrigatória para menores trans.

⁵ Glatsky, G., y Taj, M. (2024, 26 de mayo). Perú clasifica a las personas trans como enfermos mentales. The New York Times. <https://www.nytimes.com/es/2024/05/26/espanol/peru-transgenero-salud-mental-trans.html>

⁶ ILGA-Europe. (2025). Rainbow Europe Map and Index 2025: Human rights situation of LGBTI people in Europe. ILGA-Europe. <https://www.ilga-europe.org/rainbow-europe/>

⁷ Comunidad de Madrid. (2023). Ley 17/2023, de 27 de diciembre, de Simplificación y Mejora de la Eficacia de Instituciones y Organismos de la Comunidad de Madrid. Boletín Oficial de la Comunidad de Madrid (BOCM), (308). https://www.boe.es/diario_boe/txt.php?id=BOE-A-2024-10767

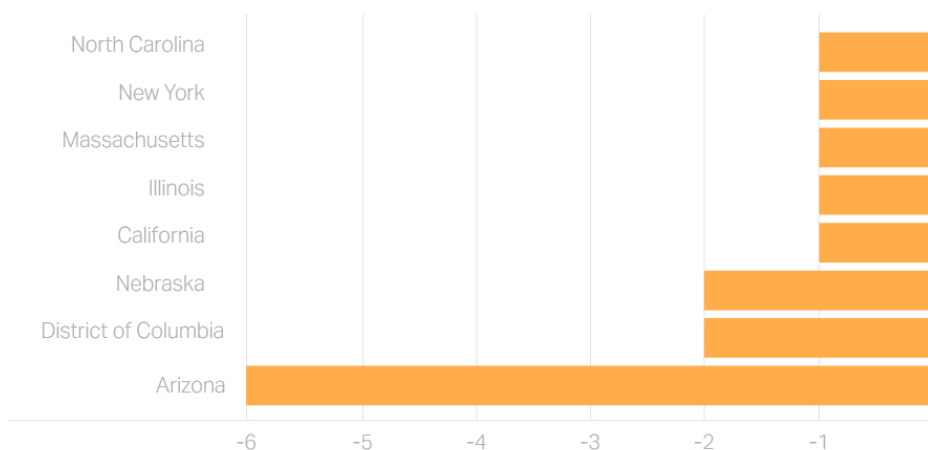
Essa virada atingiu também o **sistema educacional**. No último ano, identificaram-se onze modificações de políticas DEI em universidades e instituições acadêmicas americanas. Deste total, 45% corresponderam a fechamentos ou cancelamentos explícitos e 40% a enfraquecimentos, revisões ou reestruturações.

No Arizona, o **sistema universitário modificou dez políticas e várias universidades públicas retiraram termos, páginas da internet ou estruturas de DEI** em resposta ao novo ambiente federal e estadual.

Na Carolina do Norte, o recuo adquiriu uma dimensão estrutural: o sistema UNC **eliminou 59 cargos, realinhou outros 131 e redirecionou mais de 17 milhões de dólares em suas 17 instituições**. Não foi uma soma de decisões isoladas, mas sim uma transformação aplicada ao conjunto do sistema universitário.

Cuando el repliegue entra al campus.

Modificações de políticas DEI em universidades e instituições acadêmicas dos Estados Unidos, de acordo com seu nível de fechamento,



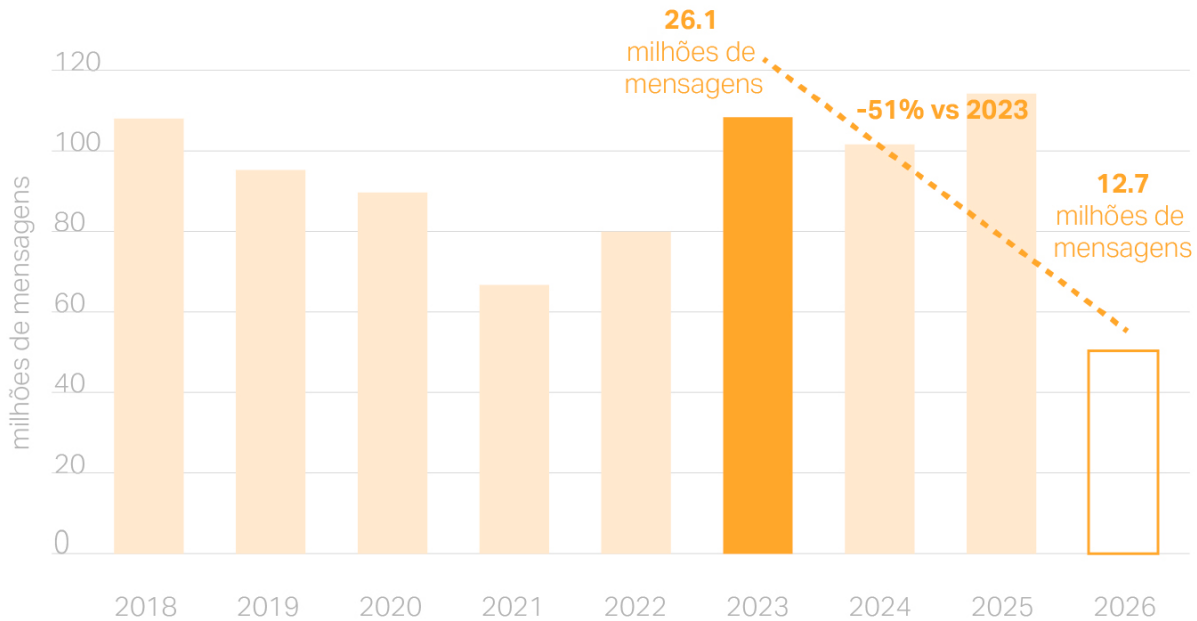
Nas instituições acadêmicas americanas analisadas, **85% das modificações recentes correspondem a fechamentos, cancelamentos, enfraquecimentos ou revisões de políticas DEI.**

A Argentina representa um dos casos semelhantes dentro da América Latina. Desde dezembro de 2023, o país tem experimentado **uma desarticulação significativa de sua arquitetura institucional vinculada a gênero e diversidade.**

Entre as medidas documentadas encontram-se a **proibição do linguagem inclusiva na administração pública**, a eliminação do **Ministério das Mulheres, Gêneros e Diversidade**, o fechamento do **Instituto Nacional contra a Discriminação, a Xenofobia e o Racismo (INADI)** e uma redução próxima a 90% no orçamento geral destinado a políticas de gênero. Também foram registrados cortes em programas de proteção e atendimento, incluindo uma diminuição de 64% na Linha 144.

Quando o recuo atinge a estrutura.

queda do score líquido sobre o impacto construtivo das iniciativas políticas.



O QUE MUDA QUANDO RESPONDEM MENOS...

A evidência analisada não permite afirmar que a redução de sinais corporativos e institucionais provoque diretamente um aumento da hostilidade. Mas identifica uma **mudança nas condições da conversa**.

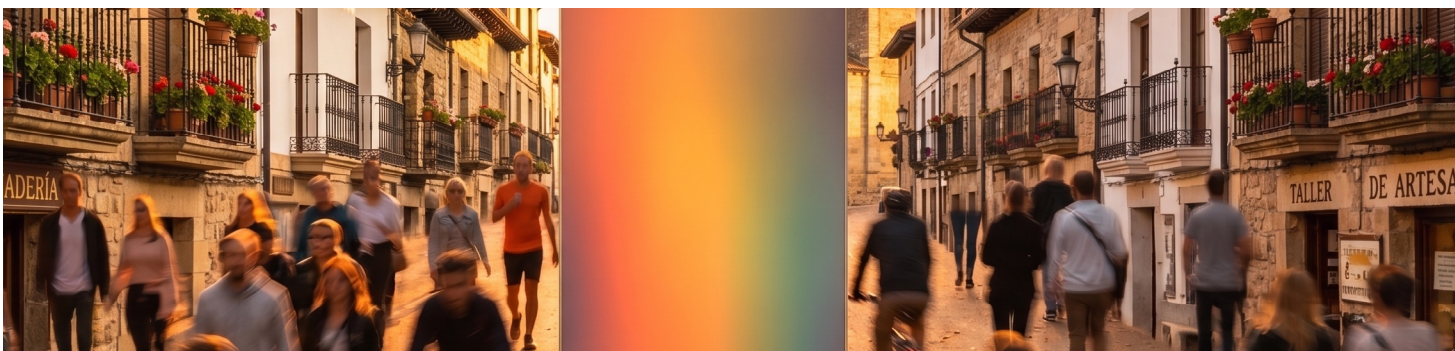
As empresas têm uma responsabilidade com seus acionistas e com a sustentabilidade do seu negócio. Ao mesmo tempo, desempenham uma função social: criam empregos, influenciam as condições de vida das pessoas, constroem cultura e têm capacidade para **incorporar temas, valores e referenciais à agenda pública**.

Esse recuo também pode impactar a própria empresa. A cautela pode reduzir a exposição no curto prazo, mas um sinal menos claro pode **enfraquecer a confiança, a coerência cultural e o relacionamento com públicos que esperam continuidade**. Em outras palavras, a mudança transforma o espaço reputacional e de negócios no qual as marcas operam.

Quando diminui a presença de atores com capacidade para trazer contexto, legitimidade e continuidade, o **espaço público perde parte dos seus contrapesos** e se torna mais disponível para que outras vozes estabeleçam os termos do debate.

Essa transformação é relevante porque as narrativas mais polarizadas não precisam ocupar todo o espaço para ganhar influência. Basta **encontrarem menos resistência, menos referências alternativas e menos vozes capazes de sustentar uma interpretação diferente.**

A questão não é, portanto, se uma marca pública ou não algo durante o Pride. Nem se cada instituição mantém o mesmo vocabulário, estrutura ou programa que utilizava há três anos. O **importante é o que acontece quando o conjunto de sinais que contribuía para normalizar o pertencimento começa a perder densidade.**



A redução dos sinais inclusivos não cria um vazio. **Mas pode fazer com que a conversa perca parte dos seus contrapesos.**

Aqui é onde o **Rainbow Ghosting** adquire uma nova dimensão. Neste capítulo, identificamos parte das decisões corporativas e institucionais que contribuem para que essa resposta se torne menos visível, mais cautelosa ou mais difícil de reconhecer.

O próximo passo é olhar para o **que acontece com o espaço que fica disponível.** Enquanto algumas vozes revisam, reduzem ou retiram sua resposta, outras não pararam de escrever...

CAPÍTULO 3

O ÓDIO ESTÁ ESCREVENDO...

O ecossistema digital abomina o vazio. E o fato é que quando marcas, veículos de comunicação e instituições decidem recuar e diluir suas mensagens sobre diversidade e inclusão, o **debate público não entra em trégua nem congela**. A praça pública não fica deserta; ela simplesmente muda de dono. A conversa permanece aberta, mas as vozes que entram para governar substituíram o acompanhamento responsável por uma **agenda de hostilidade ativa**.

Compreendido o declínio da conversa pública, torna-se fundamental observar o **que ocorre com o espaço que fica livre**. Esse vazio não permanece estático, mas coincide no tempo com o avanço e a sofisticação de discursos hostis em nível global.

As **correntes de polarização respondem a dinâmicas sociopolíticas muito mais profundas, complexas e organizadas**, que avançariam independentemente da postura empresarial.

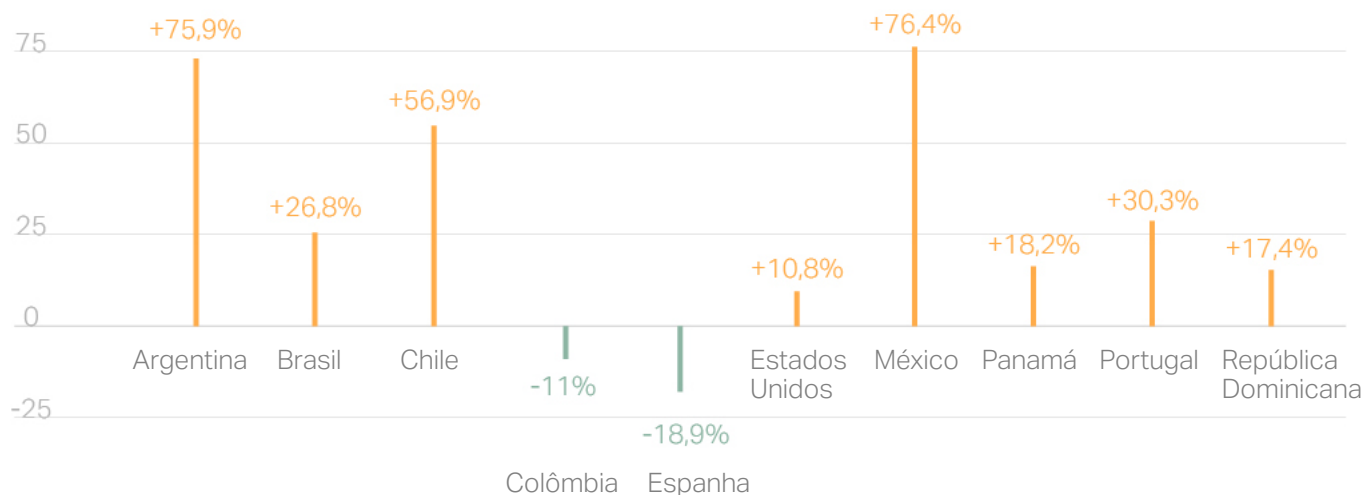
No entanto, ao dar um passo atrás, o **ecossistema institucional retira seus contrapesos narrativos**. A consequência não é que o **silêncio corporativo origine o ódio**, mas sim que **ele cede o terreno da normalidade**, permitindo que as vozes mais extremas operem sem atritos, ganhem volume e redefinam o senso comum sem encontrar resistência.

Os dados mostram que, na atualidade, **três em cada cinco mensagens sobre o coletivo LGBTQIA+ nas redes sociais constituem um ataque direto**. Além disso, desde o final de 2022, o discurso de ódio contra a comunidade aumentou em **8 em cada 10 países analisados, registrando um alarmante crescimento médio de 38% em relação aos quatro anos anteriores**.

O ódio ocupa o espaço livre:

evolução do peso de conteúdo violento contra o coletivo LGBTQIA+

— Diminui o peso violento
— Aumenta o peso violento



O vazio deixado pelas vozes responsáveis está sendo ocupado por uma hostilidade que cresce e se normaliza..

A MUTAÇÃO DO ARGUMENTO: DA AGRESSÃO DIRETA À COARTADA PROTETORA...

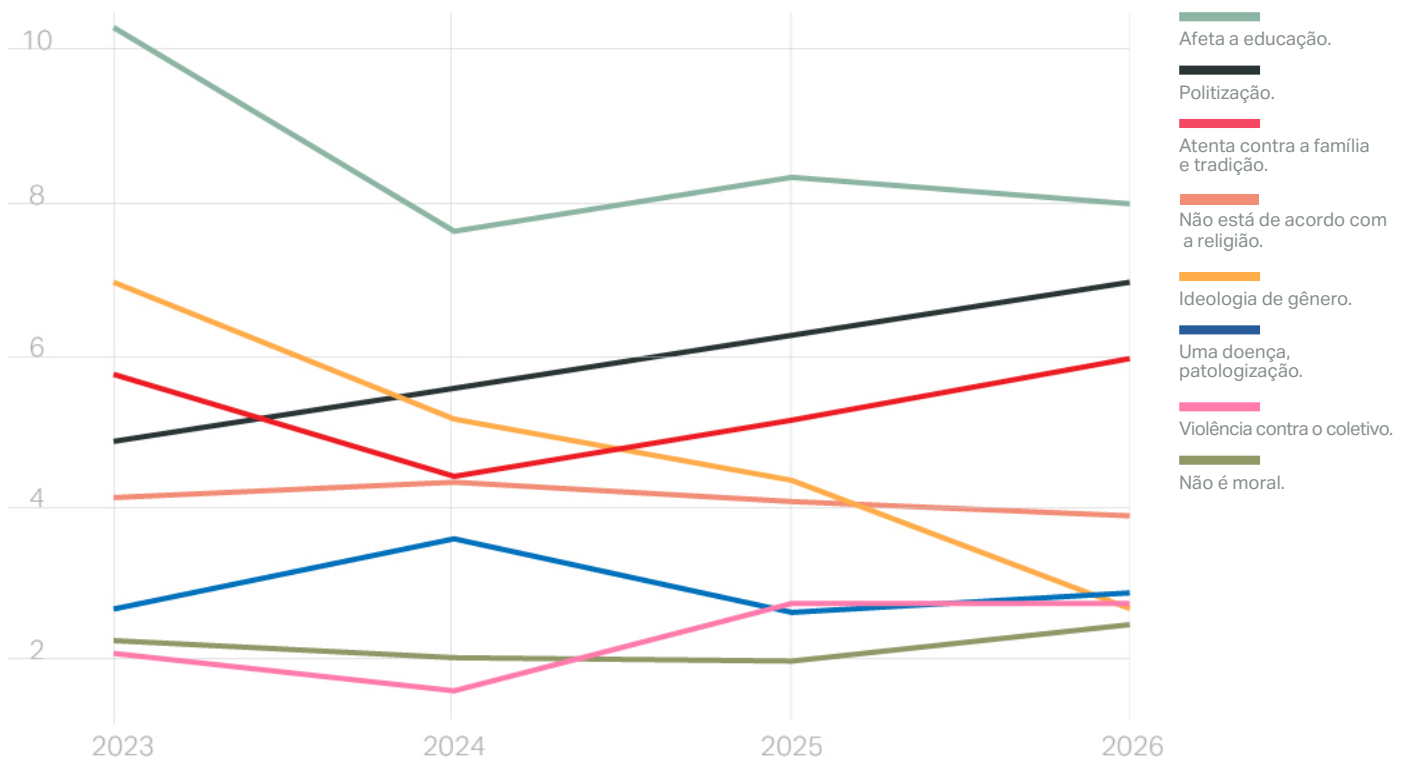
No X, a conversa global sobre a comunidade LGBTQIA+ passou de **26,1 milhões de mensagens em 2023 para 12,7 milhões** no último período analisado. No entanto, uma conversa menor não é **necessariamente uma conversa menos hostil**.

Em **oito de cada 10 países analisados**, o discurso de ódio aumentou, com um **crescimento médio de 38% em relação aos quatro anos anteriores ao ponto de corte**. O resultado é um ecossistema no qual as vozes hostis ganham maior peso relativo. A conversa se contrai; a hostilidade, não.

Para entender tanto onde se origina quanto para onde evolui o discurso hostil, devemos olhar detalhadamente para os argumentos por trás da violência discursiva. Uma inspeção de perto nos revela descobertas essenciais sobre a **mudança dessa violência**, agora **disfarçada de preocupação legítima, humor, defesa, valores morais, debate político ou, de forma perversa, de proteção a terceiros**.

A virada da conversa:

Como a acusação generalista de “Ideologia de Gênero” perde força para ceder espaço a ataques cirúrgicos focados na politização e na suposta ameaça à educação e à família.



Um dos recortes mais recorrentes da conversa hostil é a proteção da infância. Cerca de 19,1% dos ataques analisados vinculam o coletivo LGBTQIA+ a um impacto negativo sobre a educação. Dentro desse território, **sete de cada dez mensagens focam seu argumento em crianças e jovens. O padrão se estende para a família e a tradição, que representam 12,6% das acusações identificadas.** Além disso, uma de cada 20 mensagens que miram o coletivo incorpora alguma referência familiar.

A descoberta também revela como muda a linguagem da exclusão: a rejeição raramente se apresenta como tal. Com maior frequência, ela se articula a partir de **códigos de cuidado, proteção ou responsabilidade em relação a terceiros.** Assim, a infância deixa de ser um público a ser protegido e se transforma em um **território a partir do qual se disputa a legitimidade das identidades LGBTQIA+.** A hostilidade ganha capacidade de circulação quando não fala em nome do ódio, mas sim em nome daquilo que afirma defender.

Esse fenômeno não ocorre no vazio, mas responde a um **reordenamento político e cultural profundo em nível global.** Não nos enfrentamos a um simples efeito pendular em direção à centro-direita tradicional, uma corrente que, em boa parte das democracias ocidentais, mantém um consenso consolidado sobre os direitos civis do coletivo LGBTQIA+.

Um dos fatores que ajuda a explicar esse deslocamento é a **crecente centralidade política de discursos** que questionam as políticas de diversidade e voltam a situar **determinados modelos tradicionais no centro do debate público.**

Em diferentes países europeus, a consolidação de forças conservadoras e de direita radical, tanto em governos quanto em parlamentos, ampliou sua capacidade de **condicionar agendas, coalizões e posicionamentos dos partidos tradicionais.** O efeito não é uniforme, mas é observável: ideias que até poucos anos permaneciam nas margens encontram hoje **maior legitimidade e espaço de circulação.**



Na **América Latina**, essas narrativas adotam uma forma própria. O **componente religioso continua presente**, mas parte do discurso se expressa cada vez mais por meio de estruturas seculares: liberdade individual, rejeição a supostas imposições ideológicas, proteção da infância, educação e defesa da família.

Essa evolução amplia sua capacidade de se conectar com públicos que não necessariamente se reconhecem em um argumento confessional. A diversidade deixa de ser questionada unicamente a partir da **moral religiosa e passa a ser apresentada como uma controvérsia política, cultural ou institucional**.

La hostilidad gana capacidad de circulación cuando no habla en nombre del odio, sino en nombre de aquello que afirma defender.

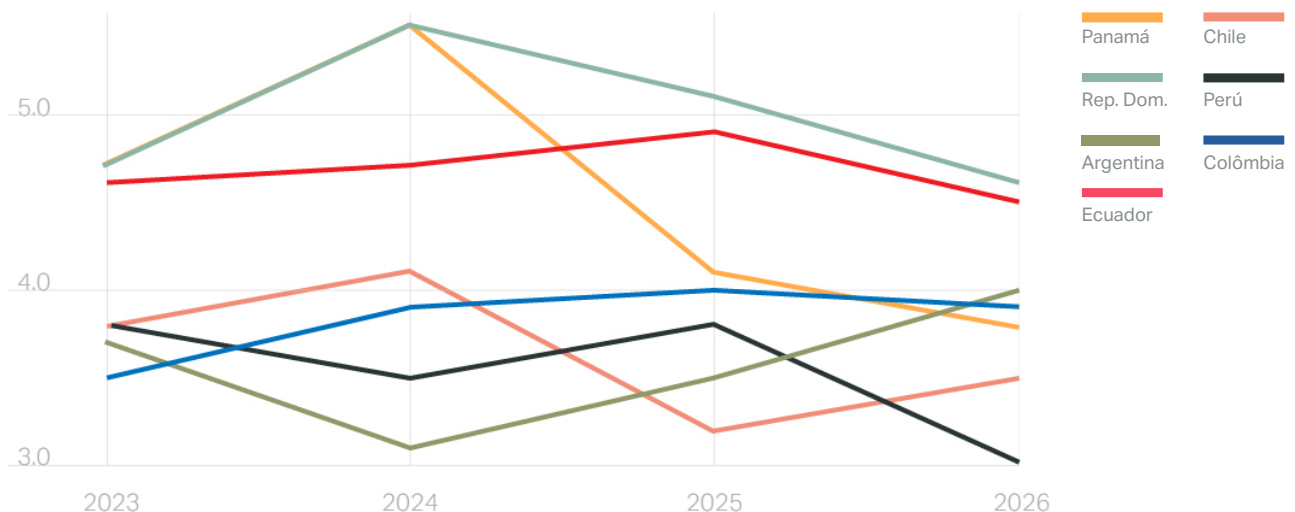
A articulação concreta varia de acordo com cada país. Na **Argentina**, o debate vinculou-se à revisão dos **gastos públicos**, das estruturas institucionais e das políticas de gênero. No **Chile**, concentrou-se especialmente em **educação, família e direitos civis**. No **Brasil**, a influência de **coalizões parlamentares e religiosas mantém esses temas no centro de uma conversa profundamente polarizada**.

Não se trata de atribuir a mudança a uma única força política nem de considerar equivalentes todos esses contextos. A descoberta relevante é outra: as **estruturas contrárias à inclusão ganharam capacidade para se apresentar como posições legítimas, transversais e socialmente defensáveis**. E quando as vozes inclusivas perdem continuidade, **esses relatos encontram mais espaço para definir os termos da conversa**.

Mais do que uma sincronia perfeita, o que observamos hoje é um **ciclo de retroalimentação entre o discurso político-institucional e o debate nas ruas**. Ambos os ecossistemas adotaram uma mesma tática de sofisticação retórica: a reestruturação (*reframe*).

O dogma como desculpa estrutural:

A estabilidade sistêmica do argumento religioso contra o coletivo na América Latina.



O ÓDIO MUDA DE ESCALA: DA PATOLOGIZAÇÃO DIGITAL À AMPLIFICAÇÃO INSTITUCIONAL...

Uma vez que a hostilidade consegue se normalizar no debate público, o **ecossistema digital abre as portas para narrativas que acreditávamos superadas**. O coletivo deixa de ser enquadrado unicamente como um adversário em uma batalha cultural para voltar a ser **estigmatizado sob moldes arcaicos e desumanizantes**: como uma anomalia clínica, uma condição contagiosa ou um perigo social.

Para dimensionar a gravidade desse retrocesso, é necessário olhar para o calendário. Passaram-se mais de três décadas desde que, em **17 de maio de 1990**, a Organização Mundial da Saúde **eliminou a homossexualidade da sua Classificação Internacional de Doenças**, um consenso científico que se completou em **2018 com a despatologização das identidades trans**.

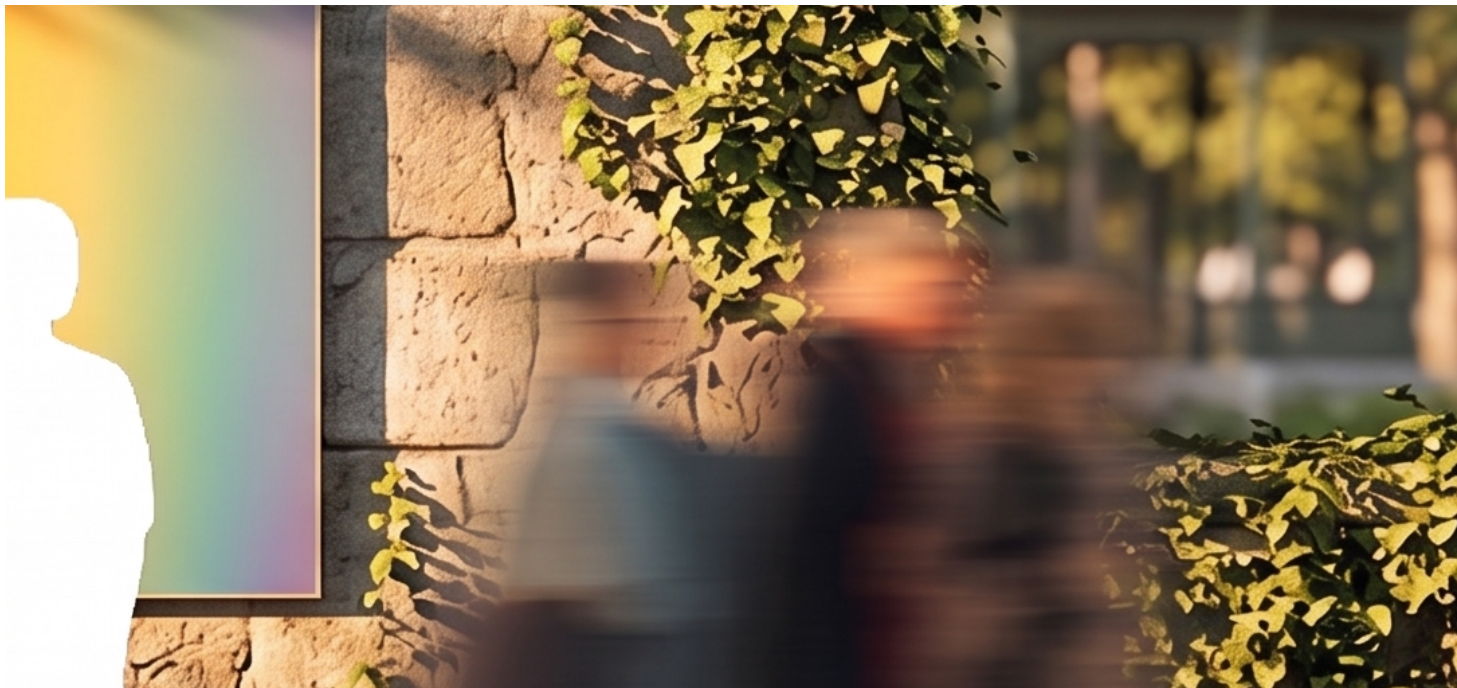
O que estamos presenciando hoje nas plataformas digitais e fóruns não é a abertura de um novo debate, mas sim um revisionismo histórico agressivo. Ao encontrar um vazio de respostas institucionais, a **desinformação volta a tratar como patologia o que a ciência e a medicina resolveram há uma geração**.

Os dados comprovam isso: **um de cada 16 ataques patologiza o coletivo, tratando-o como uma doença ou transtorno**. Destes, **38% exigem abertamente terapias de conversão** ou tratamentos psiquiátricos. Além disso, 9% dos ataques recorrem a associações com depravação ou imoralidade, vinculando os membros da comunidade à pedofilia ou pederastia em mais da metade dessas menções.

O perigo dessas narrativas escalou radicalmente. Já não nos enfrentamos a um problema de difusão nas redes sociais protagonizado por perfis radicalizados com poucos seguidores (onde é natural que um usuário anônimo que publica dezenas de posts diários consiga distorcer os volumes da conversa). O ponto de virada crítico é ver **líderes mundiais legitimando essa violência a partir do máximo poder institucional**.

A exclusão já não circula unicamente como um ataque frontal: **ela aprende a se apresentar como preocupação com a infância ou defesa da tradição**.





Essa perda de resposta pública inclusiva não é um assunto meramente simbólico ou digital. **O ecossistema discursivo tem consequências físicas e imediatas. A incitação à violência explícita representa 6% dos ataques, e quase a metade destes (45%) alude diretamente a agressões físicas ou à morte.** E essa incitação se infiltra diretamente na vida real do coletivo.

Na Espanha, por exemplo, **até 54% das pessoas LGBTQIA+ declaram já ter sido vítimas de um incidente de ódio**, seja no plano físico ou no virtual. A evolução confirma que se trata de uma realidade tangível: entre 2024 e 2026, a prevalência do assédio aumentou de 20% para 36%; a discriminação, de 23% para 29%; e as agressões, de 7% para 22% (FELGTBI+, 2026)⁸.

Esse dado revela uma deterioração especialmente visível nas expressões mais diretas do ódio. Em apenas dois anos, o **assédio cresceu 16 pontos percentuais e as agressões triplicaram.**

Deixar o Orgulho “em visto” empurra a marcha à ré. Quando as narrativas inclusivas recuam, a conversa passa a ser dominada por aqueles que codificaram a intolerância. E esse discurso hostil normalizado é o que acaba estabelecendo as bases para o retrocesso, manifestando-se com consequências diretas e tangíveis que afetam diretamente o coletivo.

Quando as narrativas inclusivas recuam,
a conversa passa a ser dominada por
aqueles que codificaram a intolerância.

⁸ Federación Estatal de Lesbianas, Gais, Trans, Bisexuales, Intersexuales y más [FELGTBI+]. (2026). Estado del odio. Estado LGTBI+ 2026. Madrid: FELGTBI+. Recuperado de: <https://felgtbi.org/wp-content/uploads/2026/04/Estado-del-Odio-2026-1.pdf>

CAPÍTULO 4

QUANDO PERTENCER SE TORNA MAIS FRÁGIL

Uma conversa hostil pode parecer intangível até observarmos onde ela termina: em uma **proteção que desaparece, uma agressão, uma prática que tenta corrigir uma identidade ou uma vida que precisa calcular permanentemente onde pode se mostrar com liberdade.**

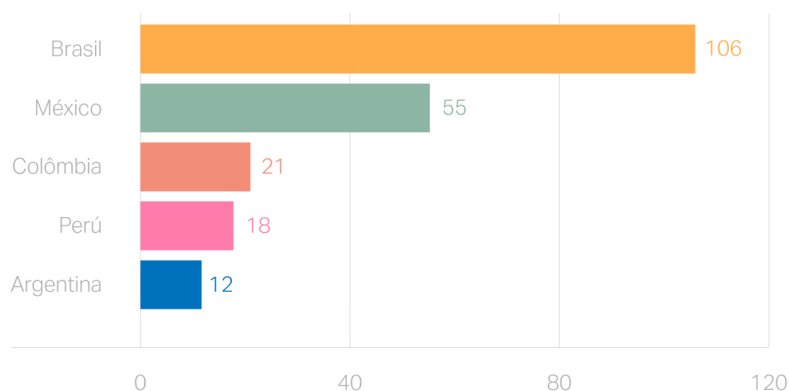
Não existe uma relação automática entre uma mensagem hostil, uma decisão política e uma agressão física. Esta análise não pretende afirmar que o discurso digital cause diretamente a perda de direitos ou a violência. Mas essas dimensões também não ocorrem em universos separados. **Convivem dentro de um mesmo clima social, capaz de ampliar ou estreitar as condições para pertencer.**

As sinalizações públicas de reconhecimento importam porque **fazem parte do ambiente no qual uma pessoa interpreta se a sua identidade** está protegida, questionada ou exposta.

A VIOLÊNCIA TEM UM CENTRO DE GRAVIDADE...

Segundo o Escritório em Washington para Assuntos Latino-Americanos (WOLA, 2025)⁹, a América Latina concentra **73% dos assassinatos documentados de pessoas trans no mundo**. A expectativa de vida média estimada de uma pessoa trans na região é de 35 anos.

O Brasil e o México aparecem de maneira sistemática entre os países com o maior número de casos. No Brasil, **cerca de 80% dos assassinatos documentados apresentam níveis extremos de brutalidade**, como **tortura ou mutilações**. A grande maioria das vítimas são mulheres trans e 82% são pessoas **afrodescendentes**.

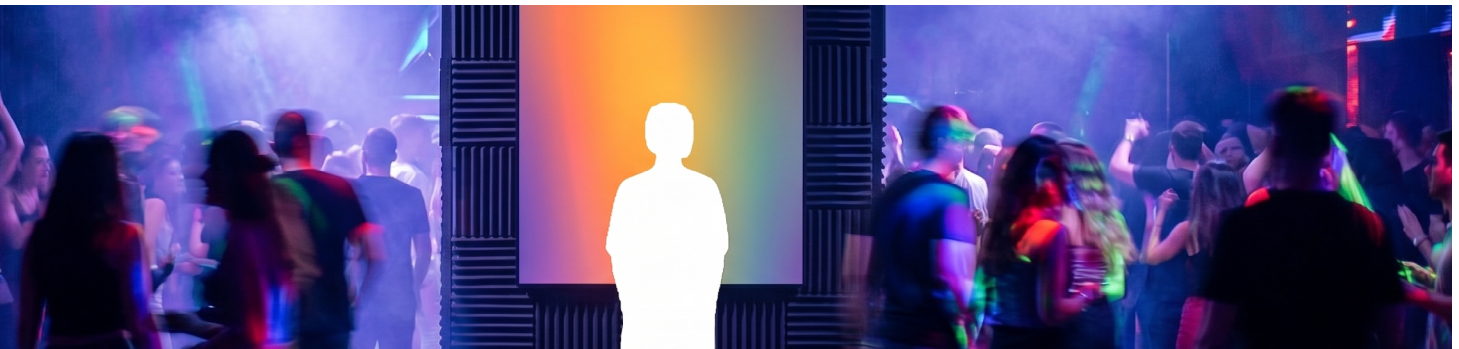


América Latina, epicentro da violência trans.
Distribuição mundial dos assassinatos documentados de pessoas trans e características das vítimas na região.

⁹ WOLA. (2025, junio). El estado de los derechos de las personas trans en las Américas: reconocimiento, contradicciones, violencia y retrocesos. Oficina en Washington para Asuntos Latinoamericanos. <https://www.wola.org/es/analysis/el-estado-de-los-derechos-de-las-personas-trans-en-las-americas-reconocimiento-contradicciones-violencia-y-retrocesos/>

O dado revela uma exposição atravessada por várias camadas de desigualdade. A **identidade de gênero se cruza com a racialização, a precariedade econômica, a exclusão laboral e a falta de proteção institucional**. A violência atinge com maior intensidade aqueles que já ocupam as margens de outros sistemas sociais.

Pertencer se torna especialmente frágil quando viver com autenticidade implica também calcular o risco. E essa fragilidade se expressa nos espaços que são evitados, nas identidades que são ocultadas, nas oportunidades que são rejeitadas e na liberdade que é exercida sempre sob condições.

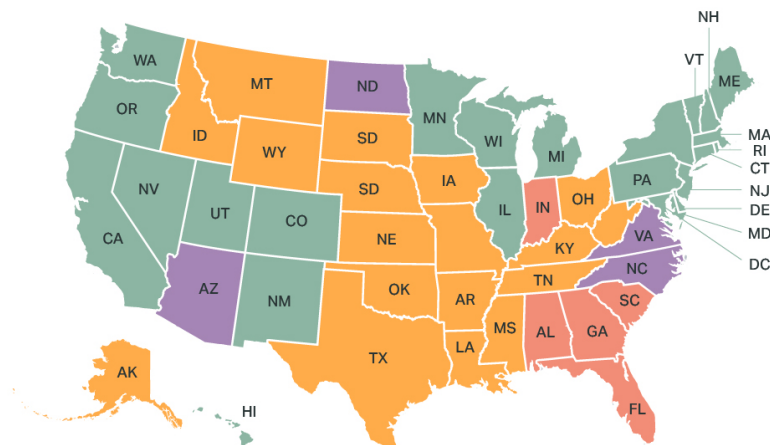


QUANDO A EXCLUSÃO SE APRESENTA COMO CUIDADO...

As **terapias de conversão** são uma das expressões mais extremas de uma ideia ainda presente: a de que **determinadas identidades devem ser modificadas para poderem ser aceitas**.

Elas não constituem um tratamento médico válido. Incluem práticas distintas, desde intervenções clínicas até programas religiosos, pressões familiares ou conversas coercitivas destinadas a mudar a orientação sexual ou a identidade de gênero.

Nos Estados Unidos, **27% da população LGBTQIA+ entre 13 e 17 anos vive em estados sem leis que a protejam das terapias de conversão. Outros 14% residem em estados que impedem ou dificultam a aprovação de proteções locais**.



O estado proíbe que prestadores de serviços de saúde com licença submetam menores a "terapias" de conversão.
23 estados + D.C.

O estado restringe, mas não proíbe, que prestadores de serviços de saúde com licença submetam menores a "terapias" de conversão.
4 estados + 1 território.

Não existe nenhuma lei ou política estadual sobre "terapia" de conversão.
18 estados + 4 territórios.

A lei estadual, o parecer ou uma sentença judicial proíbe ou dificulta a aprovação de leis em nível local que protejam a juventude frente à "terapia" de conversão.
5 estados

Cerca de **700.000 pessoas adultas** já foram submetidas a essas práticas no país: aproximadamente **350.000 durante a adolescência e 348.000 após essa etapa** (Williams Institute, 2025)¹⁰. A exposição está associada a consequências graves. Entre as pessoas que passaram por terapias de conversão, a **tentativa de suicídio é 88% mais frequente, o planejamento é 75% maior e a ideação praticamente dobra a registrada entre aqueles que não foram submetidos a elas.**

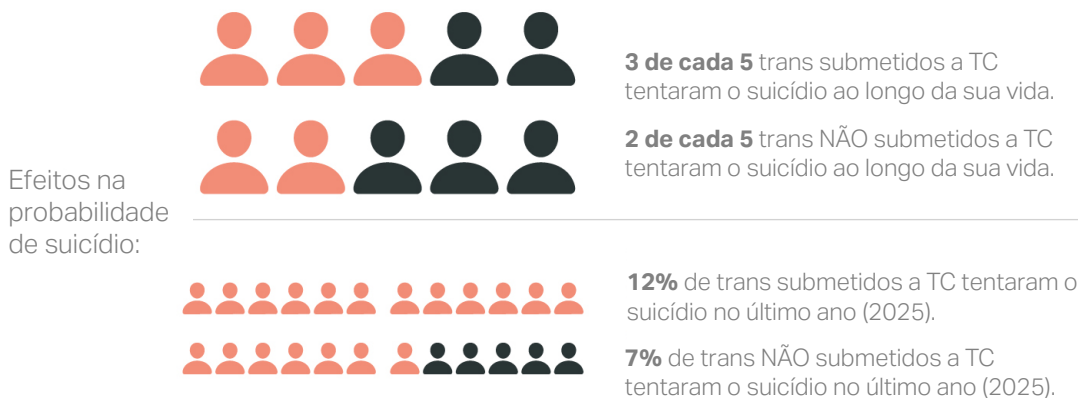
No caso das pessoas **trans, três de cada cinco** expostas a terapias de conversão tentaram atentar contra a própria vida ao longo dela, em comparação com **duas de cada cinco entre aquelas que não passaram por tais práticas.**

As **consequências sobre a saúde mental são imediatas.** De fato, 90% dos jovens LGBTQIA+ dos Estados Unidos afirmam que as recentes leis, políticas e debates em torno dos seus direitos **lhes geraram estresse ou ansiedade de forma direta** (The Trevor Project, 2025)¹¹.

Esse clima de exclusão tem um custo vital inegável. No último ano, **36% dos jovens da comunidade consideraram seriamente o suicídio** (número que chega a **40% entre os jovens trans e não binários**) e um de cada dez chegou a **tentá-lo.**

Longe de encontrar apoio nas instituições, **44% não conseguiram acessar o atendimento de saúde mental de que precisavam.** No caso das identidades trans e não binárias, as barreiras institucionais se mostram mais preocupantes: aqueles que desejavam acessar tratamentos hormonais e não conseguiram apresentaram quase o dobro de probabilidades de tentar o suicídio em relação àqueles que tiveram acesso.

A exclusão ganha legitimidade quando é formulada como **preocupação, proteção ou bem-estar.** O problema não é apenas a linguagem, é o que essa **linguagem permite fazer sobre os corpos e as vidas de outras pessoas.**



A violência nem sempre se apresenta como castigo. Às vezes se apresenta como uma promessa de cuidado condicionada a deixar de ser quem se é.

¹⁰ Williams Institute. (2025). Nearly 700,000 LGBT adults in the US have received conversion therapy, half of them as adolescents [Comunicado de prensa]. UCLA School of Law. <https://williamsinstitute.law.ucla.edu/press/ct-media-alert/>

¹¹ The Trevor Project. (2025). Study shows LGBTQ+ youth in the U.S. face high rates of suicidality and victimization, worsened by anti-LGBTQ+ politics. Recuperado de: <https://www.thetrevorproject.org/blog/study-shows-lgbtq-youth-in-the-u-s-face-high-rates-of-suicidality-and-victimization-worsened-by-anti-lgbtq-politics/>

A PERTENCER TAMBÉM DEPENDE DO LUGAR...

Os dados mostram uma geografia profundamente desigual do pertencimento. Em alguns mercados existem **marcos legais sólidos**, reconhecimento institucional e maior aceitação social. Em outros, a **orientação sexual ou a identidade de gênero continuam condicionando o acesso a segurança, proteção e liberdade**.

Um mercado pode manter uma posição comparativamente favorável e mostrar deteriorações concretas. Outro pode conservar altos níveis de aceitação social enquanto reduz proteções. E uma mesma pessoa pode estar protegida no papel e continuar exposta a violência, exclusão ou práticas coercitivas.

Por isso, os direitos não podem ser analisados unicamente como uma lista de leis aprovadas. Também devem ser observados a partir da **possibilidade efetiva de viver sem se esconder, acessar proteção, construir vínculos, imaginar um futuro e ocupar o espaço público sem que a identidade se transforme em uma fonte permanente de risco**.

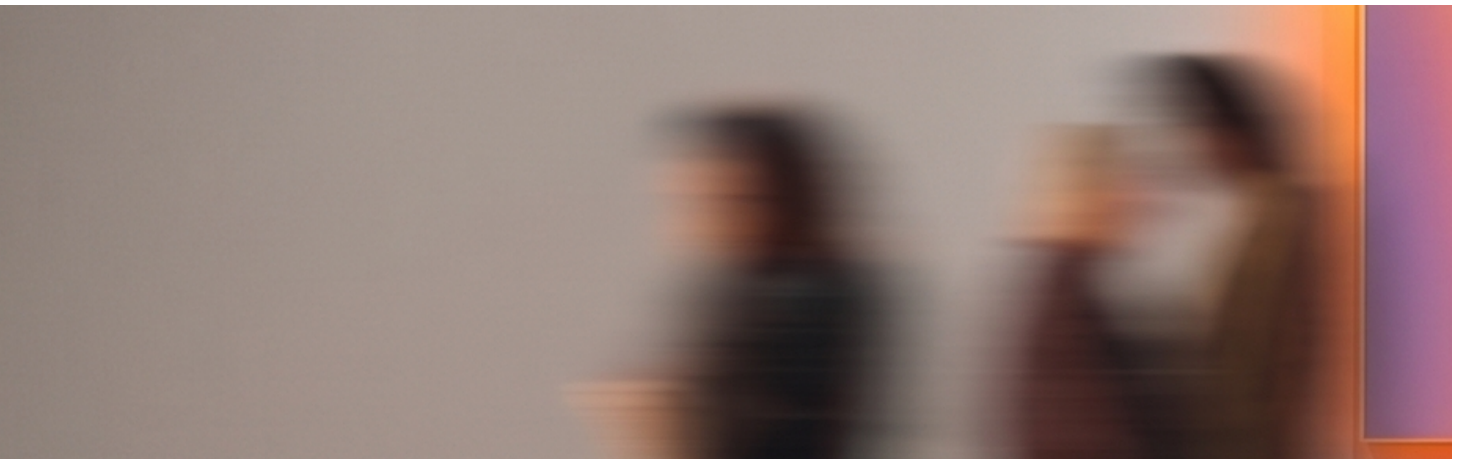
A igualdade formal não garante por si só um pertencimento real.

A CONVERSA ACONTECE SOBRE VIDAS REAIS...

As sinalizações públicas de pertencimento não substituem as leis nem evitam por si sós a violência. Mas contribuem para construir o clima no qual uma sociedade decide quais direitos legítima, quais práticas tolera e quais vidas considera dignas de proteção. Quando esses sinais se enfraquecem, não desaparece automaticamente um direito; enfraquece-se um dos ambientes culturais que ajuda a sustentá-lo.

Esse é o risco material do **Rainbow Ghosting**: que a retirada de respostas não se limite à conversa, mas sim coincida com um mundo onde pertencer exige cada vez mais explicações, mais resistência e mais cautela.

Porque a exclusão continua na lei que não protege, na violência que se normaliza, no cuidado que tenta corrigir e na vida que aprende a ocupar menos espaço para se manter a salvo. E quando uma sociedade estreita o repertório de vidas que protege, também estreita o repertório de vidas que se pode imaginar. Esse é o ponto em que a máquina começa a escrever...



CAPÍTULO 5

A MÁQUINA TAMBÉM ESTÁ ESCRIVENDO...

Em nossa campanha '[Espelhamento de Igualdade](#)', abordamos o perigo de dar como certos os direitos adquiridos e como a conversa pública está operando sob uma falsa sensação de segurança, um consenso superficial que, na verdade, oculta fissuras profundas. Hoje, podemos dizer que **esse espelhamento ameaça, além disso, ficar cristalizado e automatizado na tecnologia que ordenará o mundo durante as próximas décadas:** a Inteligência Artificial.

Entender por que é crítico abordar o papel da IA neste momento exige olhar além do seu uso como uma ferramenta de produtividade. Como constatam as análises recentes da Associação Americana de Psicologia (APA, 2026)¹², os **modelos conversacionais se transformaram na nova porta de entrada para o conhecimento e, para uma parcela crescente dos usuários, em um verdadeiro refúgio para a intimidade e a conexão emocional.**

Para as novas gerações, a **IA opera como um primeiro espaço seguro onde colocar dúvidas, buscar referenciais ou tentar compreender sua própria identidade antes de se atreverem a fazer isso no mundo físico.** Como advertem organizações como a Plan International¹³ ao analisar a interação da juventude com os ambientes digitais, essas plataformas são agentes ativos na construção da autopercepção e da visão de mundo. Se um adolescente recorre à IA para entender quem é, a resposta que receber será determinante.

E aqui reside o perigo de deixar a conversa em 'visto': a IA não **inventa as estruturas culturais a partir das quais responde. Ela as captura na rede, aprende-as e as reproduz.**

Se o ecossistema público e institucional deixa de gerar narrativas positivas, diversas e complexas sobre o coletivo LGBTQIA+, e esse vazio é ocupado pelo revisionismo e pela hostilidade, a IA se treinará com esse input. O resultado é uma resposta que revela que tipo de vida o algoritmo considera "provável" para quem a formula. Nesse processo, a discriminação se manifesta como uma distribuição profundamente desigual da agência, da segurança e da ambição.

Enquanto para as identidades normativas a IA costuma devolver respostas associadas ao futuro, ao sucesso ou ao planejamento, para **o coletivo LGBTQIA+ ela devolve, com alarmante frequência, respostas associadas à luta, à vulnerabilidade e à sobrevivência.** Uma vida lida, fundamentalmente, a partir do medo.

¹² American Psychological Association [APA]. (2026, enero). AI chatbots and digital companions are reshaping emotional connection. Monitor on Psychology.

<https://www.apa.org/monitor/2026/01-02/trends-digital-ai-relationships-emotional-connection>

¹³ Plan International. (2025). Así somos: El estado de la adolescencia en España.

https://picmspropublicsa.blob.core.windows.net/images/2026-05/informe_asisomosadolencia_20250910.pdf



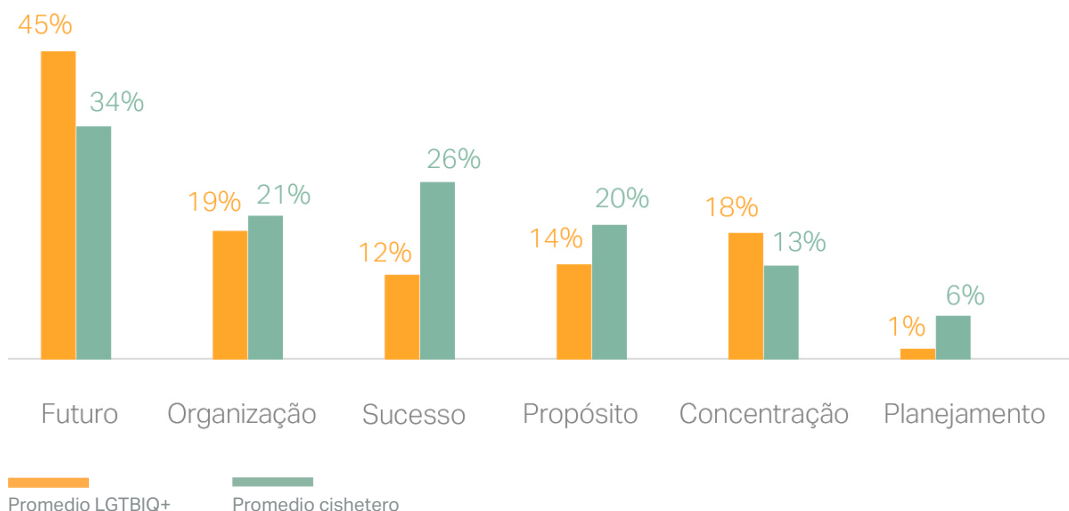
RESPOSTAS TEXTUAIS: UMA VIDA LIDA A PARTIR DO MEDO...

Uma resposta pode revelar que tipo de vida considera provável para quem a formula. Para analisar isso, formulamos **90 perguntas ao ChatGPT 5.1** sobre nove âmbitos da vida juvenil. As mesmas perguntas foram propostas a partir de **cinco perfis comparáveis: quatro identidades LGBTQIA+ (trans, não binária, homossexual e bissexual) e uma identidade cishetero**, desdobradas por gênero.

O resultado não mostra dois níveis de qualidade. Mostra dois horizontes vitais diferentes.

Para a IA, o futuro dos membros do coletivo é um conceito distante e teórico, enquanto **para os jovens cishetero este deve começar a ser trabalhado hoje.**

Termos associados a "FUTURO, planejamento e previsão"
em respostas para o coletivo LGBTQIA+ vs perfis cishetero



PROGRAMADOS PARA SOBREVIVER VS. PROGRAMADOS PARA VENCER...

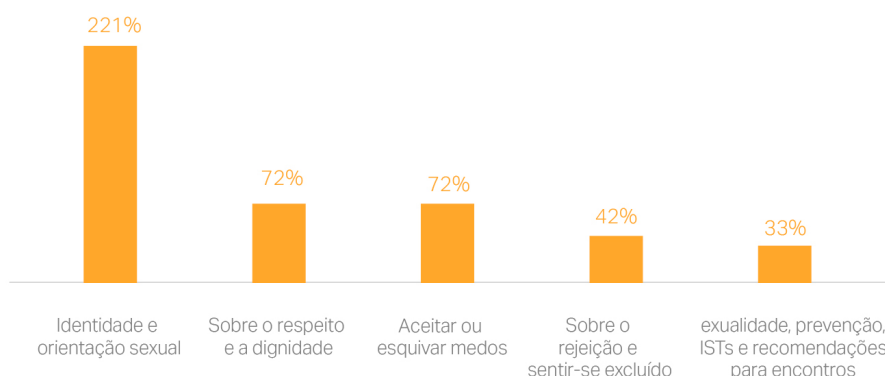
Os jovens LGBTQIA+ recorrem hoje aos modelos de linguagem em busca de um ambiente seguro. Esperam um guia neutro, objetivo e pragmático. No entanto, a máquina executa uma sutil forma de gaslighting digital. Quando o usuário declara sua orientação ou identidade diversa, o algoritmo altera o peso de suas variáveis semânticas.

O que acaba gerando uma crise de identidade em uma juventude que é diversa. O usuário busca ambição, projeção profissional ou independência, mas o chat lhe devolve de forma constante um reflexo de trauma e exclusão.

A IA diz aos jovens LGBTQIA+ que seu principal objetivo diário não é liderar um projeto ou alcançar o sucesso, mas sim resistir à ansiedade, gerenciar a rejeição e pedir respeito.

Prevalência temática em perfis LGBTQIA+

(trans, não binários, bi e homossexuais) vs cishetero:



- **Saturação da rejeição:** As respostas direcionadas ao coletivo LGB **72% mais de frequência IQ +** apresentam **72% mais associação** com a necessidade de buscar respeito e dignidade, e outros em orientações para esquivar ou aceitar
- **O ciclo da exclusão:** Os termos vinculados ao gerenciamento do medo da rejeição ou de se sentir excluído são **42% mais frequentes** nos perfis do coletivo.
- **O impulso da autonomia cishetero:** No extremo oposto, a IA vincula as respostas dos usuários heterossexuais à autonomia e **independência** com uma intensidade **140% superior**.
- **A injeção de competitividade:** Os perfis cishetero recebem **10% mais respostas** articuladas com as expectativas profissionais e **26% mais soluções** focadas na autossuperação e no gerenciamento de crises individuais.

UMAS RESPOSTAS SOB MEDIDA...

Para a IA, o futuro de uma pessoa diversa é um conceito volátil. Um plano supeditado à urgência de se encaixar...

	ABORDAGEM DE RESPOSTA DA IA	PROJEÇÃO VITAL ATRIBUÍDA
COLECTIVO LGBTQIA+	Traz 72% mais respostas sobre a necessidade de buscar respeito, superar medos e evitar a rejeição.	Condescendência e vulnerabilidade. A IA os confina ao papel de vítimas passivas que precisam de aceitação social.
PERFIL CISGÊNERO	Vincula as respostas de forma direta à autonomia, ao trabalho e às metas de sucesso financeiro.	Ambição e futuro. A IA assume sua validação social e os orienta em direção à liderança profissional e esportiva.

A ARMADILHA DA HIPEREMPATIA...

Esta distorção também altera o tom emocional das respostas. Nelas, projeta-se um excesso de empatia em relação às identidades não normativas, configurando uma estratégia condescendente.

- **Saturação emocional:** os perfis de **lésbicas e mulheres trans** registram o índice mais alto de sentimentalismo por parte do modelo, atingindo **74% de presença empática** no texto das respostas.
- **Assimetria na diversidade:** os homens trans (71%) e as mulheres bissexuais (73%) recebem conselhos nos quais as emoções dominam o relato, anulando as abordagens técnicas, corporativas ou de desempenho físico.
- **A frieza executiva masculina:** o modelo reduz o interesse empático para **51%** quando responde a um **homem cisgênero**. A ele se fala a partir da lógica do rendimento; ao coletivo, a partir da compaixão.

Dito de outro modo: **sete de cada 10 respostas direcionadas aos jovens do coletivo apelam para suas emoções e sentimentos, enquanto apenas uma de cada duas faz isso quando o interlocutor é um homem cis.**

Se no texto a IA programa trajetórias, na imagem ela as desenha. O que nas respostas escritas era um viés de tom — o medo, a empatia condescendente, o futuro adiado —, torna-se visível, literal, quando se pede a um chat que represente uma pessoa do coletivo.

IMAGENS GERADAS: UMA IDENTIDADE LIDA A PARTIR DO RÓTULO...

O reflexo mais evidente da **contaminação algorítmica gerada pelos silêncios** tem a ver com os dois grandes campos de batalha do discurso de ódio analisados anteriormente: a família e a religião.

Os modelos generativos interiorizaram a narrativa hostil que apresenta o coletivo como uma “ameaça” à infância e à tradição. Ao solicitar à IA a geração de imagens, o sistema sugere visualmente que a constituição de uma família é um motivo de frustração para o coletivo LGBTQIA+.

De fato, **quando se incluem famílias ou crianças nos prompts, a IA insere os perfis diversos em cenários onde se sentem desconfortáveis ou em franca minoria entre 2 e 4 vezes mais do que os perfis normativos**. A máquina interiorizou o viés: onde o ódio digital exige separação, a IA desenha uma barreira de desconforto.



Representação visual do coletivo LGBTQIA+ em cenários de minoria (imagem gerada por meio da inteligência artificial Gemini).

Esse padrão de “conflito assimilado” se repete com a fé. A IA interpreta **sistematicamente que as pessoas LGBTQIA+ sentem desconforto diante da religião em uma de cada duas gerações para rapazes cishetero, e em uma de cada três para rapazes trans**. O sistema comete um erro de interpretação: ao detectar o inegável volume de ataques que o coletivo sofre a partir de discursos dogmáticos, a IA o replica de forma simplificada como um “desconforto” inerente da própria pessoa LGBTQIA+.

Isso faz com que o coletivo pareça avesso a esses espaços, invisibilizando a realidade material de que é a religião que, frequentemente, é utilizada como arma para atacá-los.

A máquina interiorizou o viés: onde o ódio digital exige separação, a IA desenha uma barreira de desconforto e conflito.



A IMPOSIÇÃO DE RÓTULOS ESTÉTICOS E O APAGAMENTO DA PLURALIDADE RACIAL...

Para a IA, é preciso demonstrar visualmente em todos os momentos que se pertence à comunidade LGBTQIA+. **Diante de pedidos neutros, o sistema considera que em sete de cada 10 ocasiões os perfis não normativos devem visibilizar ícones ideológicos, emblemas ou outra simbologia para reafirmar sua identidade.** Desse modo, a IA obriga a comunidade a transformar sua identidade de gênero em algo imperativamente visível para os outros, negando a possibilidade de uma existência despercebida e reduzindo a diversidade a um rótulo visual inevitável.

Além desta hipervisibilidade imposta, o viés algorítmico executa um apagamento interseccional por meio da homogeneização racial. **Ao analisar todos os perfis gerados pela IA sem uma exposição explícita ao contexto, 97% dos casos revelaram-se de raça caucasiana.** A racialização do coletivo supõe uma dupla condenação no ambiente generativo: a representação LGBTQIA+ fica limitada a um estereótipo profundamente ocidentalizado, excluindo sistematicamente as minorias raciais da representação visual generativa.

A diversidade LGBTQIA+ convertida em código visual..

A IA representa a comunidade por meio de perfis jovens, majoritariamente brancos e com marcadores identitários explícitos.

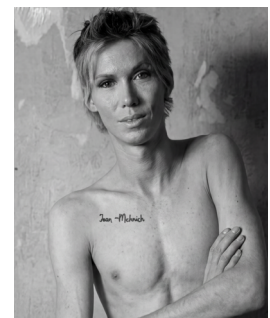
O silêncio digital não apenas treina a exclusão, mas também projeta a sua estética: **a IA reduz a diversidade a um rótulo obrigatório e executa um apagamento interseccional implacável.**

A MANIPULAÇÃO SINTÉTICA E O USO DE DEEPAKES COMO NOVAS FERRAMENTAS DE DIFAMAÇÃO...

A violência algorítmica, no entanto, transcende a geração de avatares anônimos e encontra sua expressão mais agressiva na criação de deepfakes. Nesse terreno, as ferramentas de IA estão sendo utilizadas para transformar a identidade LGBTQIA+ em uma arma de difamação. **Existe uma tendência de alta focada em fabricar vídeos ou imagens falsas que impõem estereótipos de orientação sexual ou de gênero a figuras públicas com o único propósito de ridicularizá-las ou deslegitimá-las.**

Casos recentes ilustram essa dinâmica: desde vídeos manipulados de criadores de conteúdo, como Jake Paul, editados para simular uma saída do armário por meio de atributos artificialmente afeminados, até a alteração de fotografias de mulheres de grande influência, como **Brigitte Macron**, cujas feições são modificadas para fazê-las parecer masculinas e alimentar campanhas de assédio baseadas em conspirações transfóbicas (fenômeno conhecido como transvestigations). **A tecnologia se transformou em mais uma ferramenta para insultar a diversidade sexual e de gênero.**

O fenômeno do **Rainbow Ghosting** evidencia que a exclusão nem sempre adota a forma de censura ou eliminação explícita. De fato, quando a polarização e a hostilidade nutrem a máquina, a representação digital deixa de ser um reflexo neutro da sociedade para se transformar em um **mecanismo de marginalização automatizada.**



Comparação entre um registro fotográfico autêntico e uma alteração digital sintética ou deepfake utilizada em ambientes de desinformação política.

CAPÍTULO 6

VOLTAR A RESPONDER.

Responder ao Orgulho não consiste unicamente em amplificar sua visibilidade. Consiste em **criar as condições para que as pessoas LGBTQIA+ possam continuar sendo reconhecidas quando o Pride termina**, quando a agenda pública muda e quando a conversa deixa de ocupar o centro das atenções.

A questão, portanto, é **quanta visibilidade existe e que tipo de pertencimento essa visibilidade constrói**. Manter a conversa aberta exige agir sobre cinco dimensões: **continuidade, coerência, complexidade, futuro e responsabilidade algorítmica**.

CONTINUIDADE...

A continuidade não significa prolongar uma campanha durante doze meses nem falar constantemente sobre diversidade. Significa **manter sinais reconhecíveis quando termina o momento de máxima exposição**: nas **políticas**, nas **decisões**, nos **relatos**, nos **referenciais** e nas **experiências cotidianas**.

A distância entre visibilidade e pertencimento é percebida com especial clareza no trabalho.

A Unión General de Trabajadores aponta que, na Espanha, **51% das pessoas LGBTQIA+ evitam gestos, expressões ou atitudes que possam revelar sua orientação sexual no ambiente de trabalho**, mesmo quando vivem abertamente em outros âmbitos. Cerca de 41% evitam falar de sua vida privada com seus colegas de trabalho, e 20% reconhecem que essa separação lhes gera ansiedade ou estresse¹⁴.

Nos Estados Unidos, 46% dos trabalhadores LGBTQIA+ não revelaram sua identidade ao seu gestor direto, 21% não o fizeram diante de nenhum colega e 58% adotam condutas para ocultar ou minimizar aspectos de sua identidade e evitar discriminação ou assédio (Williams Institute, 2024)¹⁵. Os estudos não são diretamente comparáveis, mas descrevem um mesmo mecanismo: **o pertencimento ainda é negociado em função do risco percebido**.

Por isso, a continuidade não se mede pela permanência de uma campanha. Mede-se pela capacidade de uma pessoa falar de seu parceiro ou parceira, solicitar uma licença, compartilhar sua vida ou aspirar a uma promoção sem calcular primeiro o quanto pode lhe custar mostrar-se tal como é.

¹⁴ Unión General de Trabajadores. (2023). Estudio situación personas LGTBI en el empleo. https://www.ugt.es/sites/default/files/Resumen%202023%20ejecutivo%20estudio%20situaci%C3%B3n%20personas%20LGTBI%20en%20el%20empleo_compressed.pdf

¹⁵ Williams Institute. (2024). LGBT workplace discrimination. UCLA School of Law.

Recuperado de: <https://williamsinstitute.law.ucla.edu/publications/lgbt-workplace-discrimination/>

COERÊNCIA...

As pessoas não interpretam os sinais de uma organização de forma isolada. Observam o que ela comunica, mas também o que mantém, prioriza, transforma ou decide quando o contexto se torna mais complexo.

A coerência não exige imobilidade. As políticas e narrativas podem evoluir por razões estratégicas, regulatórias ou culturais. Mas essa evolução não deveria esvaziar de significado o compromisso que se pretende sustentar.

Uma campanha pode gerar atenção. Uma política pode oferecer proteção. Uma experiência interna pode construir confiança. Quando essas dimensões se reforçam mutuamente, o pertencimento se torna reconhecível. Quando se contradizem, aumenta a distância entre declaração e realidade.

Manter a conversa aberta significa, portanto, que o compromisso possa ser lido em diferentes pontos de contato:

- Na experiência do talento;
- Políticas e protocolos;
- Nas decisões de liderança;
- Produtos e serviços;
- Relações com clientes e comunidades;
- Na forma de responder quando a inclusão deixa de ser uma posição confortável.

**A confiança não depende de um sinal isolado.
Depende da relação entre tudo o que uma
organização diz, faz e decide sustentar.**

COMPLEXIDADE...

A análise generativa mostrou que as respostas direcionadas a perfis LGBTQIA+ se concentram com maior frequência em aceitação, proteção e medo da rejeição, enquanto os perfis cishetero aparecem vinculados a autonomia, trabalho, superação e futuro.

As histórias sobre discriminação, violência e ameaça de direitos continuam sendo necessárias. O problema aparece quando elas se transformam na única estrutura disponível e acabam explicando uma comunidade unicamente a partir daquilo que a coloca em risco.

Representar com complexidade significa ampliar o repertório. Incorporar trabalho, desejo, ciência, esporte, empresa, criação, liderança, contradição e vida cotidiana. Não substituir relatos difíceis por histórias artificialmente positivas, mas sim permitir que as pessoas LGBTQIA+ apareçam com a mesma amplitude narrativa que qualquer outra pessoa.

**Reconhecer uma identidade não é suficiente
se apenas sabemos representá-la a
partir do conflito.**

FUTURO...

A visibilidade é insuficiente se uma comunidade pode aparecer no presente, mas não se projetar em direção ao futuro. A descoberta mais profunda da análise generativa não está unicamente no tom das respostas; está na distribuição de possibilidades.

Para os perfis cis, a aceitação costuma ser dada como resolvida e a conversa avança em direção a metas, trabalho, independência e desenvolvimento pessoal. Para os perfis LGBTQIA+, o pertencimento aparece com maior frequência como uma condição prévia: antes de se projetarem, devem se sentir seguros, superar a rejeição ou encontrar validação. Não é que a IA negue explicitamente o seu futuro; é que ela o condiciona.

O pertencimento pleno começa quando uma pessoa não precisa demonstrar primeiro que merece estar para poder imaginar depois quem ela quer chegar a ser.

As marcas, veículos de comunicação, instituições, plataformas e referenciais públicos têm capacidade para ampliar esse horizonte. Não porque devam falar em nome da comunidade, mas porque produzem relatos, símbolos e referências que ajudam a definir quais vidas se tornam visíveis e quais futuros parecem alcançáveis.

RESPONSABILIDADE ALGORÍTMICA...

A inteligência artificial introduz uma nova escala na construção de imaginários.

Os sistemas generativos já respondem a perguntas, criam imagens, sugerem possibilidades e ajudam a interpretar aspectos da identidade e do futuro. Por isso, auditar o seu comportamento não consiste unicamente em buscar erros explícitos ou linguagem discriminatória.

Também exige observar:

- Quais perfis recebem agência;
- Quais recebem principalmente proteção;
- Quais emoções são sobrerrepresentadas;
- Quais futuros são considerados prováveis;
- Quais símbolos são utilizados para tornar reconhecível uma identidade;
- E quais estereótipos se repetem até se transformarem em norma.

CINCO PRINCÍPIOS PARA MANTER A CONVERSA ABERTA...

PROTEÇÃO	Não limitar os sinais de inclusão ao calendário do Pride. Manter referências reconhecíveis ao longo do tempo.
ACEITAÇÃO	Alinhar comunicação, políticas, decisões e experiência interna para que o compromisso seja legível e credível.
MEDO	Evitar representações reduzidas a vulnerabilidade, conflito ou símbolos identitários.
CONFLITO	Incorporar autonomia, ambição, desejo, trabalho, liderança e capacidade de transformação.
IDENTIDADE COMO RÓTULO	Auditar quais relatos, imagens, emoções e horizontes os modelos utilizados produzem.

Estes princípios não constituem uma fórmula universal. Cada organização, mercado e comunidade opera em circunstâncias distintas. No entanto, oferecem uma pergunta comum:

As sinalizações que produzimos ampliam a possibilidade de pertencer ou estreitam o repertório de vidas que consideramos possíveis?

Responder ao Orgulho hoje não consiste apenas em ampliar sua visibilidade. Consiste em ajudar para que a representação das pessoas LGBTQIA+ permaneça aberta, complexa e com futuro. Manter a conversa aberta não significa falar sem descanso.

Significa garantir que, quando alguém entrar nela, encontre espaço para ser reconhecido, agir e construir o que está por vir.

ANEXO

1. LLYC. (2022). Compañías y diversidad LGTBIQ+ en la conversación digital. <https://llyc.global/ideas/companias-y-diversidad-lgtbiq-en-la-conversacion-digital/>
2. Nielsen. (2022, junio). A new chapter in inclusivity: How LGBTQ+ audiences are reviving traditional media. <https://www.nielsen.com/insights/2022/a-new-chapter-in-inclusivity-how-lgbtq-audiences-are-reviving-traditional-media/>
3. GLAAD. (2026). Social Media Safety Index (SMSI) <https://glaad.org/smsi/2026/key-findings-and-recommendations/>
4. Ongig Blog. (2026, 29 de abril). DEI Rollbacks: What Companies Are Doing in 2026 <https://blog.ongig.com/diversity-and-inclusion/dei-rollbacks/>
5. Glatsky, G., y Taj, M. (2024, 26 de mayo). Perú clasifica a las personas trans como enfermos mentales. The New York Times. <https://www.nytimes.com/es/2024/05/26/espanol/peru-transgenero-salud-mental-trans.html>
6. ILGA-Europe. (2025). Rainbow Europe Map and Index 2025: Human rights situation of LGBTI people in Europe. ILGA-Europe. <https://www.ilga-europe.org/rainbow-europe/>
7. Comunidad de Madrid. (2023). Ley 17/2023, de 27 de diciembre, de Simplificación y Mejora de la Eficacia de Instituciones y Organismos de la Comunidad de Madrid. Boletín Oficial de la Comunidad de Madrid (BOCM), (308). https://www.boe.es/diario_boe/txt.php?id=BOE-A-2024-10767
8. Federación Estatal de Lesbianas, Gais, Trans, Bisexuales, Intersexuales y más [FELGTBI+]. (2026). Estado del odio. Estado LGTBI+ 2026. Madrid: FELGTBI+. Recuperado de: <https://felgtbi.org/wp-content/uploads/2026/04/Estado-del-Odio-2026-1.pdf>
9. WOLA. (2025, junio). El estado de los derechos de las personas trans en las Américas: reconocimiento, contradicciones, violencia y retrocesos. Oficina en Washington para Asuntos Latinoamericanos. <https://www.wola.org/es/analysis/el-estado-de-los-derechos-de-las-personas-trans-en-las-americas-reconocimiento-contradicciones-violencia-y-retrocesos/>
10. Williams Institute. (2025). Nearly 700,000 LGBT adults in the US have received conversion therapy, half of them as adolescents [Comunicado de prensa]. UCLA School of Law. <https://williamsinstitute.law.ucla.edu/press/ct-media-alert/>
11. The Trevor Project. (2025). Study shows LGBTQ+ youth in the U.S. face high rates of suicidality and victimization, worsened by anti-LGBTQ+ politics. Recuperado de: <https://www.thetrevorproject.org/blog/study-shows-lgbtq-youth-in-the-u-s-face-high-rates-of-suicidality-and-victimization-worsened-by-anti-lgbtq-politics/>
12. American Psychological Association [APA]. (2026, enero). AI chatbots and digital companions are reshaping emotional connection. Monitor on Psychology. <https://www.apa.org/monitor/2026/01-02/trends-digital-ai-relationships-emotional-connection>
13. Plan International. (2025). Así somos: El estado de la adolescencia en España. https://picmspublicsa.blob.core.windows.net/images/2026-05/informe_asisomosadolescencia_20250910.pdf
14. Unión General de Trabajadores. (2023). Estudio situación personas LGTBI en el empleo. https://www.ugt.es/sites/default/files/Resumen%202023%20ejecutivo%20estudio%20situaci%C3%B3n%20personas%20LGTBI%20en%20el%20empleo_compressed.pdf
15. Williams Institute. (2024). LGBT workplace discrimination. UCLA School of Law. Recuperado de: <https://williamsinstitute.law.ucla.edu/publications/lgbt-workplace-discrimination/>

AUTORES

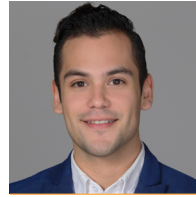


in

ALBERT MEDRÁN.

Global Brand & ESG Head

amedran@llyc.global



in

MAXIMILIANO SOTELO.

Global Brand & ESG Manager

msotelo@llyc.global

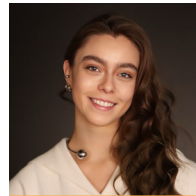


in

RAMÓN GONZÁLEZ FÉRRIZ.

Consejero Editorial

gonzalezferriz@gmail.com

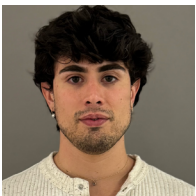


in

CAMILA RESTREPO.

Senior Consultant

camila.restrepo@llyc.global



in

ALEJANDRO MURILLO.

Consultant

alejandro.murillo@llyc.global



in

BELÉN RODRÍGUEZ.

Consultant

belen.rodriguez@llyc.global



in

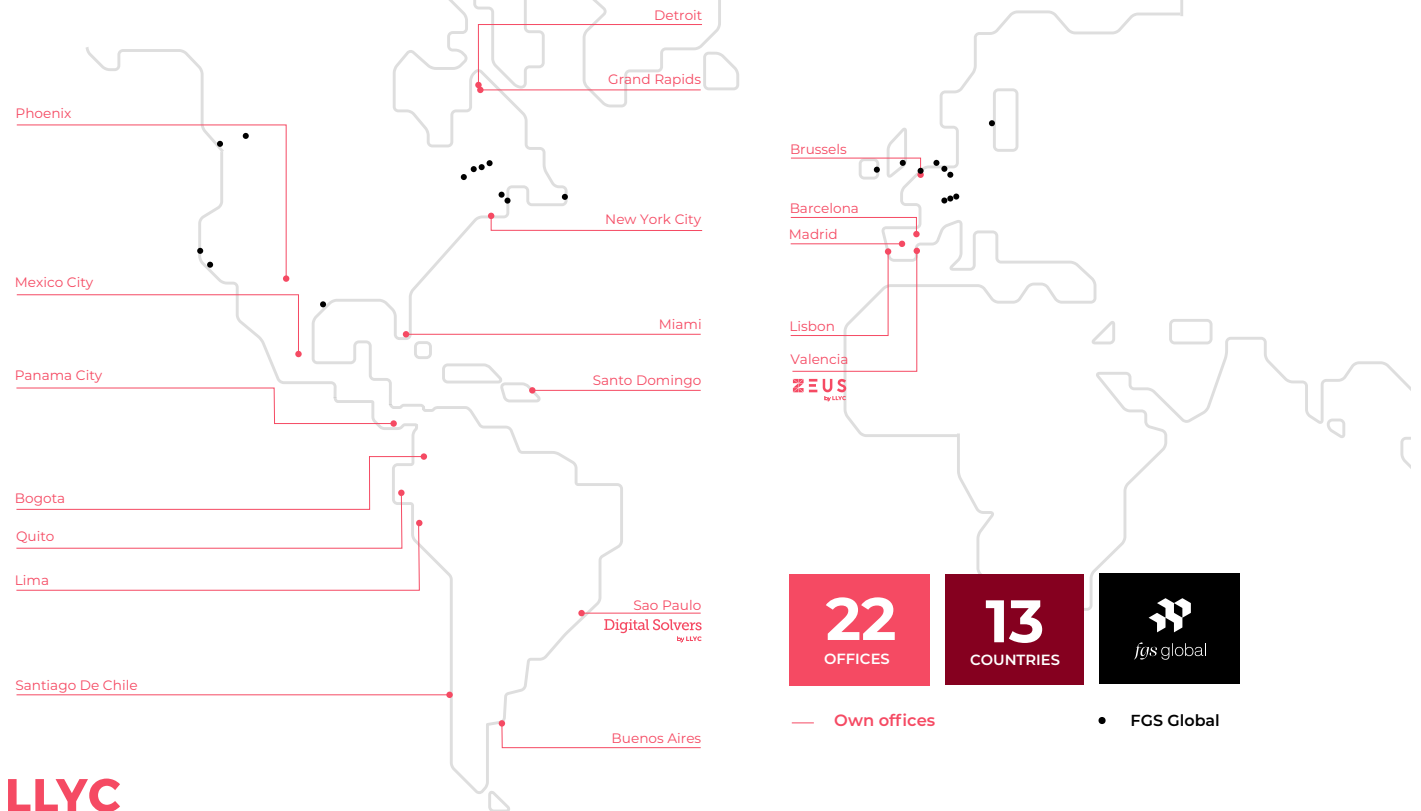
ALEJANDRO BURGUEÑO.

Global Innovation Senior Consultant

aburgueno@llyc.global

LLYC

OFFICES



LLYC

Madrid

Lagasca, 88 - planta 3
28001 Madrid, Spain
Tel. +34 91 563 77 22

C/ Almagro 25
28010, Madrid, Spain
Tel. +34 913 506 508

Barcelona

Muntaner, 240-242, 1º-1ª
08021 Barcelona, Spain
Tel. +34 93 217 22 17

Lisbon

Rua Castilho, 26, 4º piso
1250-011 Lisbon, Portugal
Tel. +351 21 923 97 00

Brussels

Rue Belliard 40, 1040 Brussels,
Belgium
(+32) 488619354

Miami

600 Brickell Avenue, Suite 2125
Miami, FL 33131
United States
Tel. +1 786 590 1000

New York

Tel. +1 786 590 1000

Grand Rapids

47 Commerce Ave SW,
Grand Rapids, MI 49503,
United States
Tel. +1 616 233 0500

Detroit

1420 Broadway, First Floor,
Detroit, Michigan 48226,
United States
Tel. +1 313 309 9500

Phoenix

7201 N Dreamy Draw Dr,
Phoenix, Arizona 85020,
United States
Tel. +1 480 764 1880

MEXICO CITY

Av. Paseo de la Reforma 412
Piso 14. Colonia Juárez
Alcaldía Cuauhtémoc
CP 06600, Mexico City
Tel. +52 55 5257 1084

Av. Santa Fe 505, Piso 15,
Lomas de Santa Fe,
CDMX 01219, Mexico
Tel. +52 55 4000 8100

Panama

Sortis Business Tower
Piso 9, Calle 57
Obarrio - Panama
Tel. +507 206 5200

Santo Domingo

Corporativo 2010, Suite 1101,
de la Avenida Gustavo Mejía Ricart
#102, en Piantini, Santo Domingo.
Tel. +1 809 6161975

Bogotá

Av. Calle 82 # 9-65 Piso 4
Bogotá D.C. - Colombia
Tel. +57 1 7438000
Carrera 9 # 79A -19, piso 3,
Bogotá, Colombia
Tel: (+57) 60 1 651 52 00

Lima

Av. Andrés Reyes 420, piso 7
San Isidro, Peru
Tel. +51 1 2229491

Quito

Avda. 12 de Octubre N24-528 y
Cordero - Edificio World Trade
Center - Torre B - piso 11 Ecuador
Tel. +593 2 2565820

Sao Paulo

Rua Oscar Freire, 379, Cj 111
Cerqueira César SP - 01426-001
Brazil
Tel. +55 11 3060 3390

Buenos Aires

Av. Corrientes 222, piso 8
C1043AAP, Argentina
Tel. +54 11 5556 0700
El Salvador 5635, Buenos Aires
CP. 1414 BQE, Argentina

Santiago de Chile

Avda. Pdte. Kennedy 4.700,
Piso 5, Vitacura
Santiago
Tel. +56 22 207 32 00
Tel. +562 2 245 0924

Base 1 La Marina de, C. de la
Travesía, s/n, Poblados Marítimos,
46024 Valencia
Telf: +34 960 62 73 97



Rua Oscar Freire, 379, Cj 111
Cerqueira César SP - 01426-001
Brazil
Tel. +55 11 3060 3390



89,5 M€
Operating revenues
2025.

TOP 10
global M&A advisors
Mergermarket Ranking.

BEST COMMUNICATION
CONSULTANCY
in Europe 2025 at the
PRWeek Global Awards.

TOP 32 PROVOKE /
TOP 30 PRWEEK
among the leading
communication firms
globally.

78 AWARDS AND
RECOGNITIONS
globally in 2025.

LLYC is your partner in communication, creativity, and influence.
We want to transform every day into an opportunity to nurture your brand. We believe that boldness is the way to achieve it.

■ PARTNERS FOR WHAT'S NEXT

